

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - RÁDIO E TV

HUGO RAFAEL SANTOS BORGES

CENÁRIO MUSICAL LGBTQIAPN+:
Uma análise das interações culturais da noite ludovicense

São Luís
2025

HUGO RAFAEL SANTOS BORGES

CENÁRIO MUSICAL LGBTQIAPN+:

Uma análise das interações culturais da noite ludovicense

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Rádio e TV da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Rádio e TV.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Leonardo Monteiro Costa.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Borges, Hugo Rafael Santos.

Cenário Musical LGBTQIAPN+ : uma análise das interações culturais da noite ludovicense / Hugo Rafael Santos Borges. - 2025.

66 p.

Orientador(a): Márcio Leonardo Monteiro Costa. Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Rádio e Tv, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão - Ufma, 2025.

1. Cultura LGBTQIAPN+. 2. Cenas Musicais. 3. Performatividade. I. Monteiro Costa, Márcio Leonardo. II. Título.

HUGO RAFAEL SANTOS BORGES

CENÁRIO MUSICAL LGBTQIAPN+:

Uma análise das interações culturais da noite ludovicense

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Rádio e TV da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Rádio e TV.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Leonardo Monteiro Costa.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Márcio Leonardo Monteiro Costa
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Flávia de Almeida Moura

Prof^a. Dr^a. Jane Cleide de Sousa Maciel

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha madrinha e mãe, Graça Maria Pereira Borges, que um dia sonhou comigo que eu chegaria lá. Saiba que estou trilhando esse caminho, e, onde você estiver, tenho certeza de que esta vitória é nossa.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, presença constante em minha vida, que me sustentou nos dias bons e, sobretudo, nos difíceis. Agradeço também ao meu pai Oxóssi e à minha mãe Iemanjá, regentes do meu ori, que me fortaleceram com sua proteção e sabedoria ao longo dessa caminhada. Não menos importante, expresso minha profunda gratidão ao meu guia de luz, Emanuel da Santíssima Trindade, que esteve ao meu lado diariamente, especialmente nos momentos mais desafiadores da escrita.

Agradeço à minha mãe Mara e ao meu pai Fábio, assim como à minha madrasta e ao meu padrasto, pelo apoio constante, seja moral ou financeiro, e por nunca deixarem de acreditar em mim. À minha família extensa, meus avós, tios, tias, primos e primas, que, de diferentes formas, também fizeram parte desse processo tão singular na minha vida, deixo meu carinho e gratidão. Um agradecimento especial ao meu irmão, Higor Borges, que nunca soltou a minha mão.

Ao professor Márcio Monteiro, meu orientador, agradeço pela escuta, pelos conselhos e por indicar com generosidade a trilha e o caminho para concluir esta monografia.

Sem o apoio das produtoras culturais envolvidas, a conclusão desta etapa da minha trajetória acadêmica não teria sido possível. Expresso minha profunda gratidão à Vem Pro Rolê, especialmente a Pedro Cordeiro e Leo Garcez, que, mesmo diante de suas rotinas intensas, gentilmente disponibilizaram seu tempo e contribuíram generosamente com este trabalho. Estendo meus agradecimentos a Henrique Noronha, cuja dedicação e disponibilidade foram igualmente fundamentais para a realização desta monografia.

Registro aqui, com respeito e reverência, minha gratidão à minha casa de Axé, a Casa de Oyá, na figura do meu babalorixá Ronaldo Lopes e de sua mãe pequena Nizete Gedeon. Aos meus irmãos e irmãs de santo, Pedro Lucas, Ana Regina, Bhyell, Carol, Alessandra, Jaqueline, Camila e Francisco, e os outros, saibam que, nos limiares dos meus dias mais difíceis, os sábados com vocês me salvaram.

A Universidade me proporcionou não apenas aprendizado, mas também boas risadas e momentos inesquecíveis. Sem os meus amigos fiéis, essa caminhada teria sido muito mais difícil. Agradeço, de coração, a Adson Mendes,

João Pedro, Marcos Aurélio, Rafaelle Santos, Vinicius Castro e Pablo Kauã. Meu eterno obrigado por cada gesto de apoio, companheirismo e amizade ao longo dessa jornada.

A vida também me presenteou com irmãos de jornada. Agradeço a Vittor Araújo, com quem dividi o início da graduação e que permanece firme ao meu lado até hoje. Ao meu amigo Werbeth Pereira e a Gabriela Saraiva, Eduardo Gomes, Iran Devenus, Maria Laís Gama, João Marcos, Arthur Mateus, Walber Sousa, Flaynan Caldas e Sacramento Rabelo, obrigado por tornarem meu ambiente de trabalho mais leve e por me apoiarem na travessia da escrita.

A cada pessoa mencionada e também àquelas que não cabem nesta página, mas moram no meu coração, meu mais profundo axé e agradecimento.

"I'm beautiful in my way 'cause god makes no mistakes. I'm on the right track baby, I was born this way" - Lady Gaga.

RESUMO

A presente monografia investiga as dinâmicas culturais e políticas das festas LGBTQIAPN+ em São Luís, Maranhão, com foco nas produtoras Vem Pro Rolê, Cosmos e Red Produções. A pesquisa combina, a partir de uma abordagem de inspiração etnográfica, observação participante, aplicação de questionário on-line, entrevistas semiestruturadas e análise de materiais digitais como flyers e postagens em redes sociais. Essa estratégia metodológica permitiu captar as múltiplas dimensões que atravessam os eventos noturnos, articulando práticas culturais, discursos identitários e experiências subjetivas. Fundamentado em autores como Judith Butler, Stuart Hall e Leandro Colling, o trabalho analisa como música, performance e estética operam como ferramentas de resistência, pertencimento e disputa simbólica. Ao explorar as interações entre corpo, classe, raça, gênero e sexualidade nas cenas noturnas, evidencia-se que essas festas funcionam como arenas políticas e afetivas onde se (re)constroem identidades dissidentes em meio às tensões impostas pelas normas hegemônicas e pela lógica do consumo.

Palavras-chave: Cultura LGBTQIAPN+; Identidade; Música; Performatividade.

ABSTRACT

This monograph investigates the cultural and political dynamics of LGBTQIAPN+ parties in São Luís, Maranhão, focusing on the event producers Vem Pro Rolê, Cosmos, and Red Produções. The research combines, through an ethnographically inspired approach, participant observation, the administration of an online questionnaire, semi-structured interviews, and the analysis of digital materials such as flyers and social media posts. This methodological strategy made it possible to capture the multiple dimensions that traverse nighttime events, articulating cultural practices, identity discourses, and subjective experiences. Grounded in theorists such as Judith Butler, Stuart Hall, and Leandro Colling, the study analyzes how music, performance, and aesthetics operate as tools of resistance, belonging, and symbolic dispute. By exploring the intersections between body, class, race, gender, and sexuality in queer nightlife scenes, the work reveals that these parties function as political and affective arenas where dissident identities are (re)constructed amid tensions imposed by hegemonic norms and consumer culture.

Keywords: LGBTQIAPN+ culture; Identity; Music; Performativity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Flyers das festas Geek House, Atlântica e Esotérica, realizadas pela Cosmos Produções (2024)	35
Figura 2 – Elemento decorativo com referência à cultura pop geek da festa Geek House (2024)	36
Figura 3 – DJ Drag Queen Butantan e DJ Pedro comandando a pista no Roleween de 2024	39
Figura 4 – Corpos queers à noite nas festas Geek House e Atlantis (2025)	42
Figura 5 – Fantasias e performatividades dissidentes na Roleween (Vem Pro Rolê, 2024)	43
Figura 6 – Corpos trans que frequentam a noite LGBTQIAPN+: festas Atlantis, Geek House e Esotérica	46
Figura 7 – Grupo de pessoas negras em festa LGBTQIAPN+ de São Luís	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Eventos realizados por produtoras LGBTQIAPN+ em São Luís
(2023–2024)

..... 37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 PERFORMANCE, IDENTIDADE E CIDADE: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA A ANÁLISE DE CENAS LGBTQIAPN+	17
3 DINÂMICAS DE PARTICIPAÇÃO E INTERAÇÃO NAS FESTAS LGBTQIAPN+ EM SÃO LUÍS	33
4 SOBRE A METODOLOGIA	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
APÊNDICE A – Questionário aplicado aos participantes aos produtores culturais	61
APÊNDICE B - Termo de consentimento para uso de entrevista em monografia	63
REFERÊNCIAS	65

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as discussões em torno das identidades de gênero, sexualidade e cultura têm se intensificado e ganhado relevância nos campos acadêmico, político e social. No cerne dessas reflexões, emergem questões urgentes sobre visibilidade, reconhecimento, pertencimento e resistência por parte das populações LGBTQIAPN+¹, historicamente marginalizadas pelas instituições hegemônicas e pelos sistemas normativos que regulam os corpos e as subjetividades. Este trabalho nasce da inquietação com os modos como essas identidades dissidentes ocupam e reinventam a cidade, especialmente durante a noite, por meio da música, da performance e das práticas de sociabilidade que ocorrem em festas, clubes e outros espaços culturais.

Ao investigar as dinâmicas das festas LGBTQIAPN+ em São Luís, capital do Maranhão, busca-se compreender como esses eventos funcionam como territórios simbólicos e políticos de afirmação identitária e disputa por visibilidade. Longe de serem apenas espaços de lazer ou consumo, tais festas operam como arenas estéticas e afetivas, onde se constroem pertencimentos, se tensionam normas e se forjam novas formas de ser e estar no mundo. O campo empírico desta pesquisa concentra-se na atuação de três produtoras culturais, cada uma com suas peculiaridades estéticas, estratégias de inclusão e públicos específicos, cujos eventos têm movimentado a cena musical voltada para essa comunidade, quais sejam: Vem Pro Rolê, Cosmos e Red Produções.

A partir de uma abordagem de inspiração etnográfica, ancorada em observações de campo, aplicação de questionários e análise das performances e discursos presentes nesses espaços, esta monografia propõe refletir sobre os modos como a música e a cultura noturna LGBTQIAPN+ em São Luís se articulam com as dimensões de classe, raça, gênero e sexualidade. Para isso, dialoga-se com autores como Stuart Hall, Judith Butler, Leandro Colling, Gabriele dos Anjos, Franco Fabbri, Regina Facchini, Diego Almeida, entre outros, cujas contribuições possibilitam pensar a identidade como uma construção discursiva,

¹ LGBTQIAPN+ é uma sigla que reúne diversas identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes da norma cisheterossexual. Refere-se a: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais e/ou Agênero, Panssexuais e/ou Policênico, Não-binários, sendo o símbolo "+" uma abertura para outras identidades igualmente dissidentes que não estão explicitamente nomeadas, como pessoas demissexuais, aromânticas, entre outras.

performativa e relacional, forjada nas interações sociais e nas disputas simbólicas do cotidiano.

Essa investigação parte do reconhecimento de que a noite tem sido, historicamente, um espaço privilegiado para a expressão das dissidências sexuais e de gênero. Como apontam Almeida e Lugli (2018), o lazer noturno queer² está impregnado de vivências que mobilizam corpo, desejo, estética e resistência. São nesses contextos que se torna possível experimentar, mesmo que temporariamente, formas alternativas de sociabilidade, pertencimento e prazer, escapando, ainda que parcialmente, as normativas que organizam a vida social durante o dia.

No entanto, é preciso destacar que tais espaços não estão imunes às contradições. Mesmo nos ambientes que se propõem inclusivos, persistem desigualdades internas, como a reprodução de hierarquias de gênero, raça e classe. O protagonismo masculino cis *gay* nos *line-ups*³ de DJs, a invisibilidade de corpos trans e gordos, as barreiras econômicas de acesso e os códigos estéticos hegemônicos que regulam quem pode ou não pertencer à cena, tudo isso revela que a inclusão plena ainda é uma meta em disputa. A análise crítica dessas tensões, sem ignorar as potências que ali também se manifestam, é um dos compromissos centrais desta pesquisa.

Além disso, pensar a música como dispositivo de subjetivação e resistência, como propõe Garson (2025), permite reconhecer que os sons e performances que ocupam as pistas de dança são também expressões políticas. Ao escolher um gênero musical, um figurino ou uma coreografia, o sujeito LGBTQIAPN+ se coloca no mundo, reivindica sua presença, celebra sua existência e contesta as normatividades que o silenciaram por tanto tempo. Como observa Franco Fabbri (2017), o gênero musical é regido por normas sociais que ultrapassam a estética e mobilizam sentidos culturais, ideológicos e comportamentais. Assim, a música nas festas ludovicenses voltadas para essa comunidade não é apenas trilha sonora: é ferramenta de pertencimento, afeto e enfrentamento.

² Lazer noturno queer: práticas de sociabilidade noturna promovidas por e para pessoas LGBTQIAPN+, que articulam expressão identitária, experimentação estética e resistência política em contextos festivos. Esses espaços, como festas, baladas e ocupações culturais, funcionam como territórios efêmeros de subversão das normas cisheteronormativas, onde se produzem afetos, visibilidades e modos dissidentes de existir.

³ Line-ups: expressão em inglês utilizada para se referir à programação de artistas ou DJs que irão se apresentar em um evento.

Este trabalho, portanto, inscreve-se no esforço de escutar as vozes, os corpos e os sons que compõem a cena noturna LGBTQIAPN+ de São Luís. Ao tomar essas manifestações como objetos legítimos de análise acadêmica, reafirma-se a importância de reconhecer as culturas marginais como produtoras de saberes, estéticas e formas de vida que desafiam as estruturas excludentes da sociedade.

A monografia se estrutura em dois capítulos principais: o primeiro propõe uma revisão teórica sobre os conceitos de identidade, cultura e performatividade; o segundo apresenta a pesquisa empírica realizada com base nas festas das produtoras Vem pro Rolê, Cosmos e Red Produções.⁴

Esta monografia surgiu a partir de uma vivência em um grupo de pesquisa, desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Durante o período de estudos, foi analisada a cena LGBTQIAPN+ em sua complexidade, abrangendo aspectos culturais, sociais e políticos. Os resultados dessa investigação foram apresentados no SEMIC (Seminário de Iniciação Científica) e avaliados por uma banca examinadora. Essa experiência consolidou o interesse pelo tema e orientou o aprofundamento teórico e metodológico deste trabalho final.

Mais do que buscar respostas definitivas, este trabalho pretende abrir caminhos para pensar as complexas relações entre som, corpo e dissidência. Em um tempo marcado por retrocessos políticos e violências contra as populações LGBTQIAPN+, é urgente escutar as pistas de dança, porque nelas se grita, se ama, se sonha e se resiste.

⁴ **Perfis oficiais no Instagram das produtoras:** Vem Pro Rolê (@vemprorole_), Cosmos (@cosmosprod_) e Red Produções (@reddprodutora).

2 PERFORMANCE, IDENTIDADE E CENAS MUSICAIS: FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA A ANÁLISE DA CULTURA LGBTQIAPN+ NAS NOITES URBANAS

Neste capítulo, são abordadas noções como gênero, identidade e cultura, juntamente com conceitos oriundos de estudos sobre a relação entre música e comunicação. É importante ressaltar de antemão que uma discussão sobre identidade, especialmente no que diz respeito ao pertencimento a uma localidade ou grupo, atravessa todas essas questões. Tendo em vista que esta monografia se fundamenta na análise e nas percepções de um grupo específico, explora-se de que forma as interações contribuem para a construção e manifestação da identidade de seus membros.

Inicia-se com a apresentação da sigla LGBTQIAPN+, refletindo sobre como esse movimento atua na formação e transformação dos conceitos de identidade e cultura dentro da própria comunidade. De acordo com Colling (2018, p. 17), “a versão mais difundida entre pessoas militantes e pesquisadores é a de que o movimento começa a se organizar após a conhecida Revolta de Stonewall, nos Estados Unidos”, marco simbólico de resistência diante da repressão policial e social contra corpos dissidentes. Essa origem, no entanto, contrasta com o apagamento histórico que marcou por décadas a trajetória das pessoas LGBTQIAPN+. Como observa Quinalha (2022, p. 107), “o silêncio em torno da história das pessoas LGBTQIAPN+ não é um mero acaso. Trata-se, na verdade, de um projeto político de apagamento”. Essa invisibilidade sistemática, promovida por instituições como a escola, a mídia, a Igreja e o Estado, contribuiu para a negação de direitos e para a perpetuação de violências simbólicas e físicas. A ampliação da sigla para incluir lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intergêneros, assexuais, panssexuais e não-binários, além de outras identidades reunidas no “+”, representa, portanto, não apenas um gesto de inclusão, mas uma resposta direta a esse processo histórico de silenciamento e exclusão.

Ainda de acordo com Colling (2018), mais de uma década se passou desde a Revolta de Stonewall até a criação, no Brasil, de um coletivo homossexual organizado. O grupo Somos: Grupo de Afirmação Homossexual existiu entre 1978 e 1983 e foi pioneiro na organização política e na visibilidade da comunidade LGBTQIAPN+ no país. Trata-se de um estágio importante da luta por direitos,

criando uma identidade diferente no cenário nacional, mas convém pontuar que a repressão e os preconceitos ainda são muito acentuados.

Colling (2018, p. 18) relata que:

[...] após a primeira edição do jornal *Lampião da Esquina*, em abril de 1978, também com a organização de Trevisan, é que uma dúzia de gays em São Paulo organizou um grupo que evoluiria para a primeira organização duradoura e bem-sucedida de liberação dos gays.

Quinalha (2022) também destaca que a fundação do grupo *Somos*, em São Paulo, em 1978, representa um marco inaugural do movimento homossexual no Brasil. Esse instante representa, para ele, o começo da organização política e social da comunidade LGBTQIAPN+, que começou a expressar coletivamente suas reivindicações por direitos e visibilidade no contexto repressivo da ditadura militar. A fundação do *Somos*, assim, não só evidenciou resistência à opressão institucional, como também deu início a um processo de formação de identidade e de demanda por cidadania completa que impacta os movimentos sociais posteriores.

Para Facchini (2003), a origem histórica do movimento homossexual no Brasil pode ser entendida a partir da segunda metade dos anos 70, conforme documentado na literatura especializada. A autora observa que:

O movimento homossexual tem seu surgimento no Brasil, registrado pela bibliografia sobre o tema, na segunda metade dos anos 1970. O termo movimento homossexual é aqui entendido como o conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento (Facchini, 2003, p. 85).

Com base nessa concepção, é possível perceber que a origem do movimento está fortemente ligada a aspectos políticos, culturais e emocionais, sendo fruto de diversas formas de reconhecimento e contestação.

Pela perspectiva de Miscolci (2021, p. 28):

A maior parte do movimento feminista e do movimento homossexual das décadas de 1960 e 1970 era liberacionista, ou seja, via mulheres e homossexuais como sujeitos oprimidos que deveriam lutar pela liberdade. Eram movimentos que concebiam o poder como repressivo e

operando de cima para baixo, por exemplo, pelas elites dominantes contra o povo.

Para entender os comportamentos da comunidade LGBTQIAPN+ ao longo da história, é fundamental observar o período da Ditadura Militar no Brasil. Quinalha (2022), a esse respeito, menciona que a repressão a desvios sexuais e de gênero foi uma constante na história brasileira, especialmente durante a ditadura militar, período em que as práticas de vigilância e controle foram acentuadas.

Nessa perspectiva, o autor destaca a conexão entre o autoritarismo político e a padronização dos corpos e das sexualidades. O regime militar, além de caçar opositores políticos, voltou seu aparato repressivo contra indivíduos que não se enquadravam na norma cis-heteronormativa, sendo vistos como ameaças à moralidade e aos bons costumes. Assim, tratava-se de uma forma de controle social que vinculava a dissidência sexual à subversão política.

Essa repressão se manifestou de várias formas: invasões policiais em pontos de encontro da comunidade LGBTQIAPN+, censura a expressões artísticas que abordavam temas homoafetivos, perseguições, fichamentos e até a apropriação de conhecimentos médicos e psicológicos como ferramentas de controle institucional do “desvio”. Portanto, a ditadura militar não foi somente um regime conservador em termos políticos; também elaborou e consolidou mecanismos de exclusão e marginalização sexual, cujos efeitos ainda reverberam na sociedade atual, perpetuando estigmas e violências contra corpos que se diferem do padrão (Quinalha, 2022).

Diante desse cenário, o movimento LGBTQIAPN+ não só busca a proteção dos direitos civis e da liberdade sexual, mas também se estabelece como uma construção conjunta de identidade, resistência e reivindicação por espaços de acolhimento frente à repressão institucional e aos desejos de exclusão impostas pelo governo e por segmentos conservadores da sociedade.

Complementarmente, é possível analisar a distinção histórica entre os conceitos de homossexualismo e homossexualidade, observando que o primeiro carrega uma forte conotação patológica. Apenas no início da década de 1990, a homossexualidade deixou de ser considerada uma doença, tendo sido retirada, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), da lista de doenças mentais no Código Internacional de Doenças (CID).

Essa linha do tempo histórica não apenas destaca os desafios que a identidade LGBTQIAPN+ enfrenta, mas também possibilita a compreensão do papel

do ambiente urbano nesse processo, especialmente durante a noite, quando essa identidade é constantemente reafirmada. Após examinar a cultura noturna, podemos notar como exercitar a resistência e a convivência social em consonância com o contexto histórico gerado pelo movimento.

A epidemia de HIV/AIDS, que se alastrou nos anos 1980, teve impactos devastadores sobre a comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil e no mundo, tanto no plano físico quanto simbólico. Rotulada inicialmente como “doença homossexual” ou “câncer gay”, a enfermidade foi associada quase exclusivamente aos homossexuais, o que intensificou a exclusão social e reforçou discursos patologizantes e moralistas. Como observa Facchini (2005), esse contexto de medo e estigmatização levou a uma significativa retração do movimento homossexual, com a diminuição expressiva de grupos organizados antes do final da primeira década da epidemia.

Diante da crise, no entanto, a militância passou por um processo de reinvenção. Renan Quinalha (2022) destaca que a epidemia marcou um ponto de inflexão na luta política LGBTQIAPN+, que passou a direcionar seus esforços para o diálogo com o Estado e o sistema de saúde. Essa nova atuação, mais institucionalizada e articulada, buscava garantir acesso a tratamentos, ações de prevenção e políticas públicas adequadas, reafirmando os direitos humanos e combatendo o preconceito.

Esse processo de reorganização também impulsionou uma ampliação nas pautas e na diversidade dos sujeitos políticos do movimento. Como aponta Quinalha (2022, p. 142), “ao longo das décadas de 1990 e 2000, a luta por cidadania LGBT se ampliou para além da orientação sexual, incluindo a identidade de gênero, raça, classe e outros marcadores”. A militância, antes centrada majoritariamente nos direitos de homens gays brancos de classe média, passou a incorporar demandas de travestis, mulheres lésbicas, pessoas trans, negras, periféricas, bissexuais e outras identidades marginalizadas, sinalizando um novo estágio de resistência e ação coletiva.

Essa ampliação dentro da comunidade está politicamente vinculada à influência dos estudos de gênero, da teoria queer e da interseccionalidade, especialmente a partir das contribuições do feminismo negro e do ativismo trans.

Com a redemocratização do Brasil e a promulgação da Constituição de 1988, o movimento LGBTQIAPN+ conquistou espaço para atuar diretamente em instâncias políticas formais, como conselhos e comissões governamentais, além de participar da proposição de leis e da formulação de políticas públicas (Quinalha, 2022). Esse

avanço representou um importante reconhecimento político e social, permitindo que demandas históricas dessa população fossem debatidas e incorporadas nas agendas oficiais. No entanto, a conquista também exigiu um equilíbrio entre a luta dentro das instituições e a mobilização social nas ruas, mantendo viva a resistência contra as desigualdades e discriminações que persistem mesmo após a abertura democrática.

Os espaços culturais noturnos desempenharam, em várias ocasiões, a função de refúgio, celebração e recuperação da autoestima coletiva. Neste contexto, a música ultrapassou a mera diversão: transformou-se em linguagem de sobrevivência, expressão estética e instrumento de afirmação da identidade.

Conforme destaca Facchini (2003), ocorreu, no início dos anos 1990, um ressurgimento das ações militantes, impulsionado pela redemocratização do país, o fortalecimento dos movimentos sociais e a expansão da articulação de entidades dedicadas à proteção dos direitos humanos.

Em resumo, a história do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil mostra um caminho repleto de batalhas, retrocessos e progressos notáveis. Desde o seu surgimento na década de 1970, passando pela devastadora epidemia de HIV/AIDS e atingindo o ressurgimento da militância na década de 1990, esse movimento tem demonstrado a habilidade de resistência e reinvenção. Ao superar preconceitos, desafiar regras e exigir direitos, a comunidade não só alterou seu próprio destino, como também colaborou para a formação de uma sociedade mais diversa, democrática e equitativa. É crucial reconhecer e apreciar essa história para o fortalecimento constante das batalhas por igualdade e dignidade.

A trajetória apresentada não se limita a destacar os obstáculos que as identidades dissidentes enfrentaram e ainda enfrentam, mas também possibilita entendermos a função dos espaços urbanos, particularmente os de funcionamento noturno, como locais onde essas identidades são constantemente reafirmadas. Ao investigar a cultura da noite, observa-se como se configuram as práticas de resistência e sociabilidade.

Em paralelo aos eventos que formam o relato acima, o conceito de identidade ganhou destaque nas discussões acadêmicas e políticas. No campo dos estudos culturais, particularmente com as contribuições de escritores como Stuart Hall, a discussão desafiou a concepção de um "eu" fixo, autêntico e inalterável. Ao invés disso, sugeriu-se uma visão de sujeito formado através de diversas interpelações, permeadas por discursos sociais, históricos e culturais (Hall, 2007).

Judith Butler, por sua vez, propõe uma compreensão de gênero, um dos aspectos que participa da formação da identidade, como algo que não nasce conosco, mas que é performado e construído ao longo do tempo por meio de práticas repetitivas e socialmente reguladas. Como afirma a autora:

o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituída por meio de uma estilização repetida do corpo, uma repetição contínua de atos, dentro de um quadro regulador altamente rígido, que conquista a aparência de substância, uma aparência de uma essência fixa (Butler, 2003, p. 200).

Essas perspectivas desconstroem a noção de uma essência “masculina” ou “feminina” vinculada ao corpo biológico, revelando que o que entendemos como gênero é, na verdade, o efeito de uma repetição normatizada que gera a ilusão de uma identidade estável e coerente. Nesse sentido, a identidade de gênero e sexualidade deve ser compreendida como uma construção social constantemente moldada e disputada por normas, discursos e relações de poder, inserida em campos discursivos, históricos e culturais. Essa formulação é fundamental para o presente trabalho, pois permite analisar como a música, a performance e o lazer, especialmente nas cenas culturais LGBTQIAPN+, operam como espaços privilegiados de subversão, tensionamento e reinvenção dessas normas.

Ao incorporar essas ponderações aos cenários noturnos urbanos, percebe-se que a cena musical não é somente um espelho da diversidade identitária, mas também um ambiente vivo onde essas identidades são encenadas, validadas e desafiadas. Portanto, a cultura noturna urbana se apresenta como um terreno propício para a análise das conexões entre subjetividade, arte e política.

A esse respeito, Garson (2025, p. 5) oferece uma leitura afinada com os pressupostos dos estudos culturais e da teoria queer ao afirmar que “nas cenas, o que está em jogo é mais a multiplicidade de sentidos e a lógica dos cruzamentos culturais do que a reivindicação das raízes e mitos de origem”. Esse autor propõe entender a cena musical como um espaço simbólico em constante transformação, onde a cultura se constrói a partir de misturas, deslocamentos e negociações, e não de essências fixas.

Tal abordagem é especialmente relevante para pensar identidades LGBTQIAPN+ em contextos urbanos e musicais, pois valoriza a fluidez, a experimentação e a hibridez, que são características centrais da teoria queer. Com isso, a cena se configura como um território político de invenção de si, onde as

fronteiras entre local e global, masculino e feminino, original e derivado são continuamente tensionadas. A música, nesse contexto, deixa de ser apenas um objeto estético e passa a ser compreendida como dispositivo de subjetivação e resistência.

Sob essa ótica, movimentos sociais e culturais passaram a se articular em torno das identidades dissidentes, reivindicando reconhecimento, direitos e espaços de visibilidade. Nesse processo, as contribuições de Stuart Hall foram fundamentais, ao oferecer uma compreensão da identidade como algo dinâmico, relacional e politicamente situado. Essa perspectiva permite enxergar a identidade não como uma essência imutável, mas como resultado de processos históricos, discursivos e institucionais que atravessam os corpos e os modos de existir.

Segundo Colling (2018, p. 9):

O que os estudos das identidades questionam, dentro dessa perspectiva cultural, é: por que atribuímos valor positivo para determinados corpos e não para todas as pessoas? É a partir daí que começamos a perceber que, se formos responder aquelas perguntinhas iniciais de uma forma um pouco mais profunda, veremos que as respostas estarão carregadas de processos históricos, políticos e econômicos que forjaram as formas com as quais constituímos as nossas identidades.

Assim, no debate acadêmico e político contemporâneo, ideias como performatividade, interseccionalidade e resistência ganham centralidade, ao refletirem sobre como essas construções identitárias operam em meio a disputas de poder e exclusão social.

Raymond Williams (2015), ao ponderar sobre a noção de cultura, sugere uma interpretação mais abrangente, considerando-a como um "estilo de vida integral" que inclui aspectos materiais, intelectuais e espirituais da vida humana. Essa visão quebra com perspectivas convencionais que restringem a cultura às artes ou à erudição, expandindo sua abrangência para incluir os costumes diários, as expressões populares, os sentimentos e as várias formas de viver.

Entender a cultura nessa perspectiva expandida possibilita validar a vida noturna e suas manifestações musicais como formas relevantes de produção cultural. Esses locais não são simplesmente locais de lazer ou diversão, mas arenas de competição simbólica, onde as identidades LGBTQIAPN+ encontram formas de se estabelecerem, identificarem-se e se tornarem perceptíveis.

Compreendendo a cultura como um estilo de vida, podemos identificar atividades de lazer, performances musicais e formas de sociabilidade LGBTQIAPN+ como expressões culturais válidas, essenciais na formação das identidades. Essas práticas, frequentemente marginalizadas, expõem dinâmicas sociais e emocionais que questionam as normas vigentes e remodelam o cenário cultural.

Além disso, tal perspectiva ressalta que a construção das identidades é moldada por sistemas normativos que estruturam a sociedade, considerando fatores como gênero, raça, classe, sexualidade e identidade corporal. Muitas vezes, esses sistemas operam de forma silenciosa, estabelecendo quais pessoas são vistas como legítimas e quais são relegadas à marginalidade e à obscuridade. Assim, contemplar a cultura também implica considerar questões de poder, exclusão e resistência.

Nesse contexto, a teoria da interseccionalidade, formulada por Kimberlé Crenshaw, oferece uma chave analítica indispensável. Ela permite compreender que as opressões não são unidimensionais, mas operam simultaneamente, produzindo experiências específicas e complexas de vulnerabilidade ou privilégio. A autora em questão afirma que: “a interseccionalidade oferece uma estrutura para capturar e compreender as múltiplas formas como a opressão se articula e interage” (Crenshaw, 2020, p. 25).

Esse conceito é crucial, pois possibilita pensar como sujeitos LGBTQIAPN+ racializados, migrantes, periféricos ou com deficiência vivenciam desigualdades que não podem ser explicadas apenas por um único marcador social, como o gênero ou a orientação sexual. A interseccionalidade permite, portanto, evitar reducionismos e analisar como múltiplas formas de poder e exclusão se entrelaçam no cotidiano, inclusive em espaços culturais e de lazer, como as cenas musicais.

Investigar o universo das cenas musicais LGBTQIAPN+ à luz desse conceito é importante para identificar como certas estéticas, corpos ou vozes são valorizadas ou marginalizadas a depender de quem as performa e de que lugar social falam. Assim, a interseccionalidade não apenas amplia a análise, mas politiza a compreensão da cultura como um campo marcado por disputas materiais, simbólicas e estruturais.

A filósofa decolonial María Lugones (2014) oferece uma ampliação radical dessa perspectiva ao articular gênero, raça, sexualidade e classe dentro do que denomina de “colonialidade do gênero”. Segundo a autora, “a colonialidade do gênero é uma estrutura de poder moderna/colonial que inter-relaciona opressões de gênero, raça, sexualidade e classe” (Lugones, 2014, p. 935). Essa afirmação

evidencia que tais opressões não são independentes, mas elementos entrelaçados de um mesmo sistema de dominação, forjado a partir do colonialismo europeu e ainda operante nas estruturas sociais atuais.

Compreender a colonialidade do gênero permite deslocar o olhar da matriz eurocêntrica e universalizante que historicamente moldou os saberes sobre gênero e sexualidade. No contexto desta monografia, essa perspectiva é especialmente relevante para pensar como corpos LGBTQIAPN+ racializados e subalternizados constroem práticas de resistência nos espaços culturais e noturnos. As cenas musicais urbanas, ao acolherem expressões dissidentes, tornam-se também arenas de disputa simbólica contra a norma colonial de gênero e sexualidade, revelando formas alternativas de subjetivação e pertencimento.

Articulando essas experiências à crítica de Lugones (2014), é possível compreender que a dissidência não se opõe apenas à heteronormatividade, mas a um sistema de poder colonial ainda presente nas formas de exclusão contemporâneas

Facchini (2003, p. 90) destaca que "mais do que ser identificada, uma identidade homossexual estava em formação [...] aprendia-se a ser 'homossexual', ou melhor, 'militante homossexual'". Esta afirmação está diretamente alinhada com os conceitos de identidade propostos por Stuart Hall, que argumenta que a identidade não é inalterável, essencial ou preexistente, mas uma construção social, histórica e discursiva.

Segundo Hall (2003), as identidades são formadas através da fusão de discursos, experiências e práticas culturais, que afetam a forma como as pessoas se percebem e se localizam no mundo. Dessa forma, o indivíduo "militante homossexual" se apresenta não apenas como alguém que assume sua orientação sexual, mas também como alguém que assume uma identidade política, consciente de sua posição social e engajado na transformação das estruturas que provocam exclusão e desigualdade.

Ao considerarmos as percepções de gênero, notamos que elas revelam estruturas de desigualdade profundas, especialmente nas interações entre homens e mulheres. A estrutura social de gênero organiza as pessoas de forma hierárquica, considerando o homem como agente ativo e a mulher como objeto passivo. Conforme Gabriele dos Anjos (2000, p. 276), "a dominação masculina ocorre quando se percebe na relação que o homem é o sujeito e a mulher, o objeto (o homem 'come' a mulher)".

Essa afirmação evidencia que as relações de gênero são permeadas por práticas simbólicas e discursivas que legitimam a desigualdade. A linguagem, os comportamentos sexuais e as funções sociais não apenas refletem essas desigualdades, mas também contribuem para sua manutenção e perpetuação.

Em seu trabalho, Dos Anjos (2000, p. 277) declara: "Da mesma forma, a identidade homossexual tem seus atributos e significados moldados de acordo com a posição social dos indivíduos". Por essa perspectiva, o reconhecimento de si mesmo como bicha estaria associado às classes populares. Essa afirmação demonstra como a manifestação da homossexualidade é fortemente influenciada pelas circunstâncias sociais e pelo capital cultural existente.

Nas classes menos favorecidas, a identidade homossexual muitas vezes está ligada a características femininas e a profissões historicamente menosprezadas pelo imaginário masculino dominante, como cabeleireiro ou cozinheiro. Isso contribui para o aumento do preconceito e da marginalização. Em contrapartida, nas classes médias e altas, a homossexualidade é comumente vivida de forma mais reservada, rodeada por emblemas de respeito e distinção, como a participação em áreas artísticas, intelectuais ou acadêmicas. Essas diferenças mostram como a experiência da sexualidade é permeada por elementos de classe, gênero e cultura.

Ao incorporar essas ponderações aos cenários noturnos urbanos, notamos que eles se apresentam como espaços de resistência e expressão. Neste contexto, estabelecem-se redes de sociabilidade e vivências compartilhadas, nas quais a presença de outros grupos dissidentes reforça a percepção de que essas identidades não só existem, mas coexistem em um mundo que insiste em marginalizá-las. Esses locais atuam como territórios simbólicos e emocionais, onde se pode expressar o ser de forma genuína e em grupo, apesar da normatividade predominante.

Além disso, ao considerarmos o entretenimento noturno, observamos o surgimento e a solidificação de coletivos que procuram identificação e pertença, muitos dos quais estão diretamente associados às cenas musicais. Este estudo etnográfico analisou festas e eventos, especificamente destinados ao público LGBTQIAPN+. Com essa vivência, torna-se evidente o papel fundamental da música e de suas expressões coletivas das identidades e nas formas de interação social dessa comunidade.

Essa reconfiguração simbólica do termo "família" rompe com o modelo tradicional heteronormativo e aponta para arranjos alternativos de afeto e

resistência, comuns entre grupos LGBTQIAPN+ e migrantes. Assim, a cena musical é também compreendida como um espaço onde novas formas de comunidade e subjetividade podem emergir, ser acolhidas e celebradas.

Nesse sentido, é fundamental compreender que a música não atua apenas como reflexo de identidades previamente estabelecidas, mas como uma força ativa na sua constituição, uma forma de “explorar, articular e manifestar as mudanças, desafios, contradições e transgressões que envolvem a luta por manter ou redefinir o sentimento de pertencimento a um grupo” (Cruz-Manjarrez, 2014, p. 13 apud Garson, 2025, p. 13).

Em cenas LGBTQIAPN+ periféricas e racializadas, o som e a performance não apenas comunicam uma identidade, mas ajudam a produzi-la, revelando contradições e abrindo espaço para resistências e novas formas de existir. É fundamental compreender o conceito de gênero musical antes de compreender a essência de uma cena musical. De acordo com Franco Fabbri (2017, p. 2), “um gênero musical é um agrupamento de eventos musicais, sejam eles reais ou possíveis, que seguem um conjunto de normas aceitas socialmente”. Esse princípio expande o entendimento convencional de gênero musical, englobando não somente elementos técnicos como ritmo, melodia e harmonia, mas também dimensões culturais, ideológicas, comportamentais e simbólicas. Portanto, o gênero musical deixa de ser apenas uma categoria estética ou formal, tornando-se um ambiente discursivo e performático onde se criam significados sobre pertença, autenticidade, distinção e resistência.

Will Straw (2012) caracteriza a cena musical como um meio distinto de disseminação da música nos ambientes urbanos, enfatizando sua natureza situada e interativa. Segundo ele, as cenas musicais vão além de simples agrupamentos de estilos ou eventos, constituindo-se em configurações sociais e culturais onde práticas, objetos, sentimentos e indivíduos interagem de forma fluida, sem necessariamente formarem estruturas rígidas, unificadas ou formalizadas.

Assim, a cena musical pode ser vista como um ambiente dinâmico de criação de significados, onde se combinam componentes estéticos, políticos e identitários. Essas cenas funcionam como espaços privilegiados para a construção de sociabilidades alternativas, formas de pertencimento e processos de resistência, especialmente em contextos marcados pela diversidade cultural e pela disputa simbólica. Refletir sobre a cena musical, particularmente no âmbito das vivências LGBTQIAPN+, é reconhecer, portanto, sua capacidade como um local de expressão,

visibilidade e (re)construção de identidades divergentes, em constante conflito com as normas dominantes de gênero, sexualidade e cultura.

Em sua obra, Straw (2012, p. 3) observa que:

[...] a ideia de cena pode ser proveitosamente revitalizada por meio de um desvio que passe por outros trabalhos sobre cultura urbana em sentido mais geral [...] liga a noção de cena a um sentido mais amplo da teatralidade pública e da visibilidade da cultura urbana.

Essa definição reconfigura a cena musical como um ambiente de representação coletiva de estilos, emoções e formas de vida, onde a música desempenha um papel crucial na estruturação do espetáculo social urbano. Nesse cenário, a teatralidade pública não se limita ao entretenimento, mas também à representação de identidades e à criação de visibilidade para indivíduos historicamente excluídos, particularmente quando se unem arte, política e corpo.

Com essa perspectiva, torna-se crucial entender como as produtoras culturais atuam no ambiente noturno e urbano, fomentando interações que são simultaneamente manifestações artísticas e reafirmações de identidade. Dentro da cultura LGBTQIAPN+, a cidade é vista como um espaço físico e simbólico onde as expressões de gênero e sexualidade, frequentemente marginalizadas ou silenciadas, adquirem destaque público. Eventos como passeatas, celebrações, expressões culturais e até mesmo interações diárias nas áreas urbanas são exemplos de ocupação performática do espaço público. Essas expressões muitas vezes questionam as normas estabelecidas de gênero e sexualidade, transformando a vivência urbana em um território de resistência à heteronormatividade e à cisnormatividade.

Essa leitura da cidade enquanto espaço de disputa simbólica encontra respaldo na obra de Michel de Certeau (1994, p. 201), que, ao refletir sobre a experiência urbana, afirma que “a cidade é feita de maneiras de usar o lugar, escritas por seus usuários, que não têm a consciência de serem escritores”. Essa afirmação subverte a ideia da cidade como algo estático ou definido apenas por arquitetos, planejadores ou instituições. Em vez disso, sugere que são os próprios habitantes, por meio de seus gestos cotidianos, deslocamentos, práticas e usos não oficiais, que escrevem a cidade, mesmo sem perceber. Cada trajeto, cada apropriação do espaço urbano, é um ato de criação e reconfiguração simbólica do território.

Ao ocupar ruas, bares, festas e clubes, pessoas LGBTQIAPN+ não apenas transitam pela cidade, mas a reinscrevem com outras narrativas, afetos e performances. São formas de escrita urbana que escapam da norma e produzem novas cartografias de existência. Nessas ações, o espaço urbano deixa de ser apenas cenário e se torna campo de disputa e invenção, onde a presença dessa comunidade se inscreve como gesto político e poético.

Essas dinâmicas têm uma conexão direta com as pesquisas de Gabriele dos Anjos (2000) e Leandro Colling (2018), já mencionadas, que abordam a visibilidade das identidades de gênero e sexualidade no contexto público. Os dois escritores enfatizam a relevância dos ambientes urbanos como palcos onde a cultura LGBTQIAPN+ pode ser ao mesmo tempo festejada e questionada - um terreno de tensões onde se criam sentidos, formam-se alianças e ocorrem conflitos por reconhecimento, pertença e dignidade. A comunidade utiliza as festas como locais essenciais para a celebração da cultura e da diversidade, transformando as cenas musicais em espaços de expressão afetiva, política e estética.

Will Straw (2012, p. 6) destaca que "mais do que nunca, a música está inserida em um contexto [...] os eventos musicais continuam fortemente vinculados ao local". Essa declaração está alinhada à de Márcio Monteiro (2018, p. 111), que defende que "a categorização por gêneros pode ser um instrumento metodológico para entender o consumo de música". As duas citações destacam a relevância de entender o ambiente espacial e simbólico onde a música se move, sendo influenciada por ele ao mesmo tempo que o modifica.

A música não somente ocupa os espaços urbanos, mas também os reinterpreta, formando cenários sonoros que expressam e representam identidades coletivas. Especialmente para a comunidade LGBTQIAPN+, as celebrações e atividades culturais se transformam em táticas de territorialização simbólica, preenchendo a cidade com novos padrões de sociabilidade e representação.

Além disso, a noção de cena musical permite compreender como gêneros e repertórios se organizam em contextos locais diversos. Como afirma Garson (2025, p. 5)

O conceito de cena permite compreender como repertórios globais se atualizam localmente. Isso nos permite tratar a cena de música paraense em Curitiba como uma variante local de uma cena maior – a cena de música paraense – que por sua vez também é uma variante local da cena de música afro-caribenha.

Essa perspectiva evidencia que as identidades culturais não são estáticas nem originárias, mas formadas por redes de trânsito, apropriação e ressignificação. A música, nesse contexto, torna-se uma ferramenta de construção identitária em cenários marcados por migração, diversidade e resistência, como ocorre com sujeitos LGBTQIAPN+, que encontram nas cenas musicais espaços de expressão e pertencimento.

Em São Luís, nos últimos anos, houve um aumento expressivo de locais destinados ao público LGBTQIAPN+. Esse processo vai além do simples crescimento numérico: envolve a consolidação de identidades coletivas que se manifestam de forma visível e audível na paisagem urbana, por meio da música, da performance e da ocupação do espaço público.

As cenas musicais LGBTQIAPN+, nesse contexto, não apenas ampliam os espaços de sociabilidade, mas também reconfiguram práticas de expressão e pertencimento, em diálogo com as transformações culturais e urbanas da cidade.

Dentro deste cenário, a análise de cenas musicais se apresenta como um instrumento analítico eficaz para explorar as conexões entre música, cultura e identidade, particularmente no que diz respeito a grupos marginalizados que veem na música um meio de expressão, reconhecimento e afirmação política e pessoal.

Franco Fabbri (2017) salienta o aspecto relacional e político da produção musical, questionando as hierarquias que marginalizam expressões sonoras populares, periféricas ou experimentais. Isso amplia o campo de estudos para incluir músicas dissidentes, essenciais para pensar as relações entre música, identidade e resistência. O autor também observa que, em certos gêneros, o artista “se expressa” diretamente, sem recorrer a personagens, promovendo uma escuta baseada na identificação emocional com o intérprete como indivíduo real e genuíno.

Nesses casos, a autenticidade é valorizada como símbolo de legitimidade, sinceridade e verdade. Em contrapartida, artistas como Linn da Quebrada, Pabllo Vittar, Arca e SOPHIE não buscam parecer autênticos no sentido tradicional, mas justamente subverter essa ideia, propondo performances de gênero e identidade fragmentadas, hiperbólicas e deliberadamente construídas.

Essa concepção está diretamente relacionada aos conceitos de identidade propostos por Stuart Hall, ao demonstrar como diferentes gêneros e cenários musicais produzem formas distintas de expressar a identidade, com implicações estéticas, políticas e sociais. Nesse contexto, a música deixa de ser apenas um meio

de manifestação e passa a ser um espaço ativo onde identidades são criadas, negociadas e discutidas a partir de sua posição cultural.

Essa leitura dialoga com a proposta de Paul Preciado (2014), que entende o corpo não como uma entidade biológica neutra, mas como construção sujeita a disputas de poder, regulação e invenção. O que antes era visto como dado natural passa a ser compreendido como efeito de práticas sociais, discursivas, médicas, jurídicas e culturais que moldam as subjetividades.

Nas cenas musicais e nas culturas noturnas urbanas, como a analisada neste trabalho, o corpo emerge como superfície performática de contestação e de experimentação de novas formas de ser. A ideia de que gênero e sexualidade são tecnologias experimentais (Preciado, 2014) nos permite ver essas expressões como ações políticas que reconfiguram os sentidos do corpo, da identidade e da própria vida social. O corpo dissidente, nesses contextos, se transforma em ferramenta ativa de desvio e reinvenção frente à normatividade cisheterocolonial.

Essa distinção nos permite refletir sobre um debate fundamental que atravessa a cena musical, o gênero e a identidade. Enquanto a música autoral tradicional tende a exaltar a unidade do indivíduo e a clareza na expressão artística, o pop queer contemporâneo valoriza a fluidez, a artificialidade e a ruptura com a noção de um "eu" fixo ou genuíno. Nesse cenário estético e cultural, questionam-se padrões e desafiam-se os critérios convencionais de autenticidade na arte.

Essa perspectiva ajuda a compreender que expressões musicais, estéticas ou performáticas, especialmente aquelas protagonizadas por artistas LGBTQIAPN+, são interpretadas de formas distintas conforme quem as realiza, de onde vêm e como são recebidas. A autenticidade, portanto, torna-se um critério simbólico de validação que pode tanto incluir quanto excluir sujeitos em determinadas cenas, funcionando como um instrumento de poder e regulação cultural (Hall, 1997).

As tensões internas da comunidade LGBTQIAPN+ revelam que a luta contra a heteronormatividade não elimina, por si só, outras formas de exclusão. Néstor Perlongher (1987) já advertia sobre a reconfiguração da imagem do homossexual masculino a partir de signos da masculinidade hegemônica, como o corpo musculoso e o visual viril, o que contribuiu para redefinir o "gay" como figura dominante.

Esse padrão ainda persiste, como demonstram as hierarquias simbólicas que privilegiam homens gays com capital cultural, enquanto marginalizam identidades como a de mulheres lésbicas, travestis e pessoas trans. Tais desigualdades expõem

lógicas internas de sexismo, transfobia e classismo, que reproduzem dinâmicas de exclusão mesmo dentro de espaços queer. Desconstruir essas normas é essencial para que esses ambientes deixem de ser apenas refúgios simbólicos e se tornem efetivamente inclusivos, capazes de acolher a pluralidade de experiências e corpos dissidentes.

Para Almeida e Lugli (2018), a música e os espaços de entretenimento noturno são permeados por vivências que expressam gênero, sexualidade, corpo e desejo, de modo que o próprio ato de se divertir nesses ambientes configura-se como uma forma de performance de gênero. Seguindo essa visão, considera-se que o lazer noturno, especialmente em ambientes de sociabilidade queer, é um campo de produção performativa onde identidades são ensaiadas, afirmadas e reinventadas. Por meio da música, do movimento corporal, da dança e da estética, os indivíduos LGBTQIAPN+ criam vivências que desafiam as convenções de gênero e sexualidade, encontrando no cenário musical um local de visibilidade, reconhecimento e identificação.

Em síntese, o entrelaçamento entre identidade, música e cultura noturna permite compreender as múltiplas estratégias de resistência e auto afirmação das pessoas LGBTQIAPN+. As cenas musicais, longe de serem apenas espaços de lazer, revelam-se arenas políticas e performáticas onde se constroem sentidos de pertencimento e contestação. Assim, a análise dessas práticas culturais contribui para ampliar o escopo dos estudos sobre gênero e sexualidade, reforçando a importância da escuta atenta aos corpos dissidentes e às suas expressões artísticas como formas legítimas de reivindicação e transformação social.

3 DINÂMICAS DE PARTICIPAÇÃO E INTERAÇÃO NAS FESTAS LGBTQIAPN+ EM SÃO LUÍS

Este capítulo parte de um recorte analítico centrado na investigação das dinâmicas de participação e interação do público em festas organizadas por três produtoras específicas da cena musical noturna LGBTQIAPN+ ludovicense: Vem Pro Rolê, Cosmos e Red Produções. A escolha dessas produtoras não é arbitrária, mas responde à relevância empírica que assumem na articulação entre musicalidade, identidades dissidentes e práticas culturais no contexto urbano de São Luís do Maranhão.

Embora compartilhem o mesmo campo cultural, essas iniciativas apresentam características bastante distintas em termos de curadoria, estética, política de acesso e engajamento com o público, o que exige uma análise atenta de suas particularidades para a compreensão das dinâmicas que estruturam essas festas.

Ao longo de 2024, ano de realização da pesquisa de campo, essas três produtoras se destacaram por seus distintos modos de ocupar a noite ludovicense, moldando não apenas experiências de lazer, mas também práticas de afirmação subjetiva, construção de pertencimento e disputas simbólicas dentro da comunidade LGBTQIAPN+ local. Cada uma dessas produtoras mobiliza públicos específicos, linguagens visuais e musicais distintas, políticas de acesso e estéticas de inclusão/exclusão que oferecem um campo fértil para análise crítica.

Também foi aplicado um questionário, que ficou disponível pelo período de um mês, para ampliar o conhecimento a respeito de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ de São Luís e arredores que participam da referida cena. Ao todo, foram obtidas 51 respostas, que contribuíram significativamente para enriquecer as análises e orientar práticas discutidas ao longo desta monografia. Os dados coletados oferecem uma perspectiva mais concreta e sensível sobre as vivências, demandas e percepções de pessoas que integram esse grupo, reforçando a importância do recorte identitário na construção do debate proposto.

Inspirando-se na noção de cena musical, tal como formulada por autores como Franco Fabbri (2017) e Janotti Jr. e Simone Sá (2013), entende-se que essas festas não operam apenas como eventos de entretenimento e lazer, mas como espaços em que se cruzam estilos musicais, regimes de visibilidade e performances de gênero e sexualidade. Fabbri (2017), ao propor que os gêneros musicais devem ser compreendidos não só por critérios formais, mas também sociais e contextuais,

oferece uma chave teórica valiosa para compreender como diferentes gêneros – como funk, pop, k-pop, brasilidades, indie – assumem significados distintos nas festas analisadas, especialmente quando articulados às performances corporais e identitárias de seus frequentadores.

A produtora Vem Pro Rolê tem se consolidado como uma das mais expressivas no circuito LGBTQIAPN+ ludovicense, especialmente por sua capacidade de articular diferentes segmentos sociais em seus eventos. Seus bailes e festas tematizadas, como o Roleween, o Fluxo e o Rolezinho com Inês Brasil, revelam uma aposta constante na mistura entre referências populares e cultura queer, com forte presença de sonoridades como funk, brega e brasilidades, mescladas ao pop mainstream.

Seu público é majoritariamente jovem, com forte presença de corpos racializados e periféricos, especialmente em festas como a Fluxo. A construção da identidade desses eventos se dá por múltiplos fatores, entre eles a conexão com temas que estão em evidência na cultura pop. É o que afirma Pedro Cordeiro⁵, produtor da Vem Pro Rolê: “As identidades de nossas festas se baseiam em muitos fatores [...] normalmente é focado em alguma temática que esteja em alta na mídia, seja um show, seja algum programa de TV, algum personagem em evidência [...]” (Pedro Cordeiro, 2025, em entrevista ao autor).

Essa fala evidencia uma estratégia de produção que conecta os eventos às narrativas que circulam nas redes e na cultura pop. Esse modelo fortalece o engajamento do público, mas também aponta para uma lógica de pertencimento marcada pela necessidade de estar atualizado, o que pode, por vezes, excluir quem não compartilha das mesmas referências midiáticas. Assim, os eventos se tornam espaços de celebração, mas também de disputa simbólica por visibilidade e reconhecimento.

Desse modo, a análise espacial revela mais do que um dado geográfico: ela evidencia como classe, território e cultura se entrelaçam na vivência da noite e da sociabilidade LGBTQIAPN+ em São Luís.

A estética dos eventos da Vem Pro Rolê varia entre o exuberante e o funcional. Decorações temáticas, como as de Halloween, convivem com palcos

⁵ Pedro Cordeiro também é proprietário do bar Galeria SLZ, um espaço cultural e de entretenimento que se tornou referência na cena noturna de São Luís, sendo majoritariamente frequentado pelo público LGBTQIAPN+. O local é reconhecido por promover diversidade, acolhimento e liberdade de expressão, consolidando-se como um importante ponto de encontro para artistas, produtores e frequentadores da comunidade.

simples e pouca intervenção visual em festas voltadas ao funk. O foco está na energia da pista, nas performances dos corpos, na interação afetiva e política entre os presentes, mais do que na sofisticação do espaço físico. É a performatividade dos frequentadores – seus trajes ousados, suas coreografias coletivas, seus gestos e vocabulários visuais – que conferem ao evento sua identidade estética.

A Cosmos Produções, por sua vez, tem um perfil bastante distinto, apostando na construção de ambientes altamente simbólicos e tematizados, com ênfase em experiências imersivas e no fortalecimento de uma identidade visual única. Suas festas, como Cosmos Esotérica, Geek House e Atlantis, são marcadas por elementos decorativos feitos à mão, inspiração em cultura pop japonesa, estética esotérica e cultura geek, compondo um imaginário visual que dialoga diretamente com nichos específicos da comunidade LGBTQIAPN+ (notadamente homens gays brancos de classe média, fãs de k-pop, indie e pop dos anos 2000).

FIGURA 1 - Flyers das festas Geek House, Atlântica e Esotérica, realizadas pela Cosmos Produções (2024)



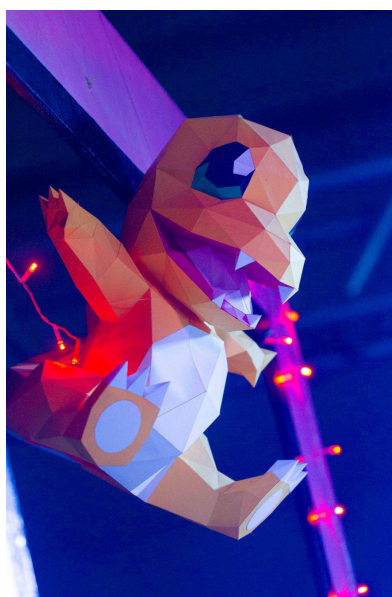
Fonte: Instagram da produtora Cosmos.



Fonte: Instagram da produtora Cosmos.

Um exemplo simbólico dessa estética é a ornamentação da festa Geek House, promovida pela produtora, que utiliza referências da cultura pop japonesa e de animes. A imagem analisada mostra uma escultura estilizada do personagem Charmander, do universo Pokémon, iluminada com luzes vermelhas, elemento que traduz a atmosfera lúdica e temática do evento. Esse tipo de ambientação evidencia como a cultura pop é ressignificada em contexto LGBTQIAPN+, compondo espaços afetivos, divertidos e acolhedores.

FIGURA 2 - Elemento decorativo com referência à cultura pop geek da festa Geek House, de 2024



Fonte: Acervo pessoal da produtora Cosmos.

Apesar da aposta na inclusão e na diversidade de estilos musicais – com line-ups que incluem DJs drag queens, mulheres trans e sets de k-pop e R&B – a observação direta aponta para desafios em termos de acessibilidade física (loais afastados e pouco servidos por transporte público), além de pressões estéticas que podem excluir frequentadores que não se alinham ao “visual esperado” pela cena.

Já a Red Produções apresenta uma atuação mais ambígua no cenário LGBTQIAPN+, alternando entre eventos de forte apelo popular e festas com orientação comercial voltada ao público universitário. Eventos como Indiscreta e Balbúrdia são exemplos de como a Red busca dialogar com um público jovem, universitário e heteronormativo, ainda que sob o discurso de valorização da diversidade.

Sua estética tem se baseado na apropriação de elementos urbanos e periféricos – como grafites, camisas de time, luzes de neon e ambientações que remetem a favelas –, o que levanta questões sobre a legitimidade e os limites dessa estética quando utilizada como estratégia de marketing e consumo. O público da Red é amplamente misto: jovens LGBTQIAPN+, estudantes heterossexuais, membros de atléticas e consumidores da chamada “cultura pop de massa”.

A motivação do público parece girar em torno do entretenimento imediato, da socialização universitária e do consumo de bebidas alcólicas, o que pode, por vezes, diluir o caráter politizado da festa LGBTQIAPN+. Embora haja presença de artistas queer e mulheres lésbicas nos line-ups, observou-se que tais presenças são muitas vezes instrumentalizadas, sem compromisso com a representatividade real ou com a originalidade musical.

A seguir, apresenta-se uma síntese de eventos realizados pelas três produtoras analisadas — Vem Pro Rolê, Cosmos e Red Produtora — com o objetivo de ilustrar a diversidade de propostas temáticas, estéticas e sonoras presentes na cena LGBTQIAPN+ de São Luís. As informações incluem o nome do evento, o ano de realização e uma breve descrição das características de cada festa:

TABELA 1 - Eventos realizados por produtoras LGBTQIAPN+ em São Luís (2023–2024)

	Evento	Ano	Descrição	Produtora
1	Rolezinho com Ines Brasil	2023	Evento da Vem Pro Rolê com pluralidade musical, presença da artista Inês Brasil e	Vem Pro Rolê

			diversidade de público, mas com predominância masculina entre os DJs.	
2	Indiscreta	2023	Evento da Red Produtora com estética urbana, presença universitária e diversidade limitada entre os organizadores e DJs.	Red Produtora
3	Cosmos Esotérica	2023	Evento da Cosmos com temática esotérica e anime, line-up diverso, acessibilidade econômica, mas com barreiras de acesso físico.	Cosmos
4	Roleween	2024	Festa temática de Halloween da Vem Pro Rolê, com grande adesão popular, decoração elaborada e diversidade de públicos e pistas.	Vem Pro Rolê
5	Cosmos Esotérica	2024	Festa da Cosmos com temática geek, decoração criativa e política trans free, mas com falhas estruturais e pouca representatividade feminina entre DJs.	Cosmos
6	Balbúrdia	2024	Festa da Red com foco universitário, estética de abadá, inclusão ambígua da comunidade LGBTQIAPN+ e line-up com DJs lésbicas em posição secundária.	Red Produtora
7	Atlantis	2024	Festa da Cosmos com temática subaquática, apelo ao pop dos anos 2000 e presença majoritária de homens brancos, com pouca diversidade racial.	Cosmos
8	Fluxo	2024	Baile funk da Vem Pro Rolê com foco em público negro e periférico, repetição musical e ausência de decoração temática característica.	Vem Pro Rolê

A música, para a comunidade LGBTQIAPN+, é mais do que trilha sonora: ela é ferramenta de afirmação, campo de disputa simbólica, tecnologia de afeto e

plataforma de expressão política. Nas festas organizadas por produtoras como Vem Pro Rolê, Cosmos e Red Produções, a multiplicidade de gêneros musicais funciona como um elemento estruturante das interações, modulando afetos, organizando corpos na pista e ativando memórias sociais e subjetivas.

Tal como define Franco Fabbri (2017), os gêneros musicais não devem ser compreendidos apenas por suas estruturas sonoras, mas pelas regras sociais que regem seu uso e seus sentidos em determinados contextos. Aplicando essa perspectiva às festas analisadas, é possível observar que o funk, o pop, o brega, o k-pop, o indie, o pagode e o R&B não coexistem apenas como estilos musicais — eles organizam identidades, demarcam territórios simbólicos e ativam sentidos políticos.

As respostas ao questionário aplicado é um indicador desses aspectos. O DJ mais lembrado pelos respondentes, com uma diferença significativa, é a drag queen Butantan, mencionado por 41 pessoas, o que representa 85,4% dos entrevistados. Isso o posiciona como o artista com maior reconhecimento na cena musical LGBTQIAPN+ em São Luís. Outros nomes também aparecem com destaque, sendo lembrados por mais da metade dos respondentes: Cibelle, Ed Leal, Nebraska, Carl, e Sem Rote.

FIGURA 3 - DJ Drag Queen Butantan e DJ Pedro, comandando a pista no Roleween de 2024, da produtora Vem Pro Rolê



Fonte: Acervo pessoal da produtora Vem Pro Rolê.

Apesar dessa diversidade de nomes, os dados revelam uma desigualdade de gênero na lembrança e visibilidade desses profissionais. A presença feminina ou de gênero feminino performado, embora representada por DJs como Cibelle, Nebraska, Sem Rote e Gabi Leão, não se traduz em protagonismo constante, especialmente quando se observa que o nome mais citado é o de um homem cis. Isso sugere que,

mesmo em espaços que se propõem plurais, a cena musical ainda opera sob lógicas de masculinização, nas quais mulheres cis, trans e pessoas não-binárias enfrentam maiores barreiras para alcançar o mesmo nível de reconhecimento. A baixa lembrança de DJs com expressões de gênero dissidentes ou femininas mais marcadas reforça a importância de discutir visibilidade, valorização e acesso equitativo dentro da cultura noturna queer.

Os dados também mostram que a maioria dos participantes prefere circular entre diferentes pistas de dança, o que aponta para um público aberto à diversidade sonora e atento à qualidade da experiência musical. Essa mobilidade reflete um comportamento dinâmico, em que a escolha da pista não é fixa, mas mediada por critérios como identificação com o gênero, performance do DJ e clima do ambiente.

Por outro lado, as escolhas mais estáveis, como permanecer exclusivamente em pistas de pop, eletrônica ou funk, revelam núcleos de preferência mais definidos, que também dizem muito sobre os perfis culturais que coexistem nesses eventos. Essa fluidez entre pistas, de todo modo, reforça o papel da música como elemento central nas festas, mas também como marcador simbólico de pertencimento e identidade, em que a estética sonora é uma forma de se localizar dentro da pluralidade da cena.

Na produtora Vem Pro Rolê, por exemplo, o funk aparece com força como linguagem sonora dominante, especialmente em festas como Fluxo e Roleween. Nesse contexto, esse gênero musical carrega a energia das periferias e atua como marca de pertencimento racial e territorial, conectando o evento a práticas culturais da juventude negra. Ao mesmo tempo, a inserção do pop mainstream, sobretudo em sets⁶ voltados ao público gay branco, cria uma segmentação interna, onde pistas são divididas por preferências estéticas, faixas etárias e códigos de sociabilidade.

A produtora Cosmos, por sua vez, aposta em uma curadoria mais diversa e nichada: k-pop, indie, pop dos anos 2000, R&B e até trilhas sonoras de anime ganham espaço, especialmente nos eventos Esotérica e Geek House. Apesar do discurso de diversidade, há uma hegemonia estética e racial que define implicitamente os padrões de pertencimento. A presença negra é menos evidente, e quando ocorre, frequentemente está deslocada dos espaços centrais da festa.

Essa dinâmica pode ser lida à luz do que Bell Hooks (1992, p. 165) observa ao afirmar que “a branquitude permanece invisível, precisamente porque ela é o

⁶ Set ou set musical é uma sequência de faixas selecionadas e executadas por um(a) DJ ou artista durante uma apresentação. Costuma refletir uma intenção estética, narrativa ou afetiva, e pode variar em estilo, ritmo e intensidade conforme o contexto do evento.

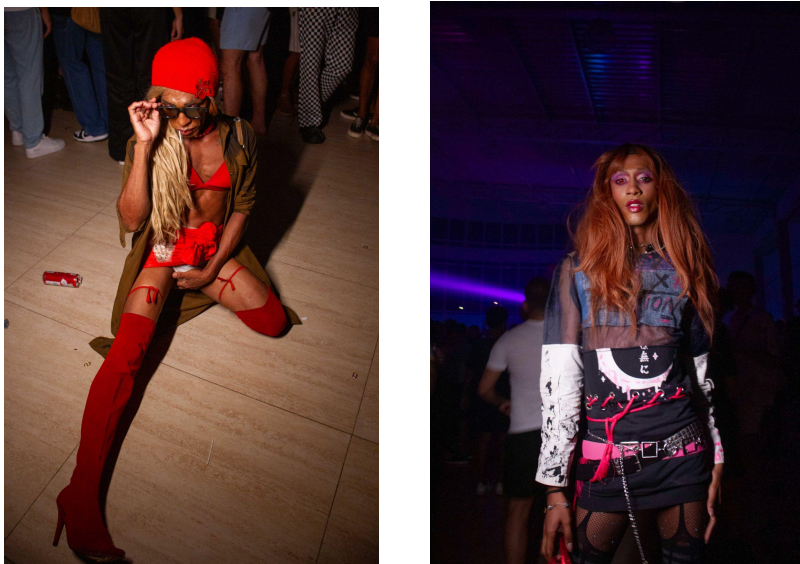
ponto de referência a partir do qual todas as outras identidades são comparadas, medidas e definidas”. Ou seja, mesmo quando os eventos se declaram inclusivos, os códigos estéticos e simbólicos que estruturam sua organização permanecem ancorados na branquitude como norma. Isso faz com que os corpos brancos sejam naturalizados como padrão universal, enquanto presenças negras e racializadas são vistas como exceção ou exotismo, quando não completamente ausentes dos espaços de visibilidade, como os line-ups ou os registros fotográficos das festas.

Já na Red Produções, a presença de gêneros como funk, pagode e forró reflete uma tentativa de diálogo com o público universitário e popular, embora a seleção musical frequentemente se incline para o que é mais viral, como os “hits do TikTok”. Isso pode gerar, como foi observado, uma homogeneização sonora que privilegia o consumo imediato e compromete a pluralidade cultural. Ainda assim, a inserção de grupos de pagode em festas LGBTQIAPN+ representa uma novidade interessante, rompendo com a ideia de que tais espaços só podem ser dominados por pop internacional ou eletrônico.

Ainda em relação ao campo musical, destaca-se entre os respondentes o gosto pelo pop — tanto internacional quanto nacional — seguido por gêneros como MPB, funk e brasilidades. Essa diversidade indica que as festas não seguem um padrão único, mas atendem a diferentes referências culturais. Os dados reforçam que os eventos funcionam como espaços de expressão múltipla, onde música e identidade caminham juntas.

A maioria dos participantes vai às festas acompanhada de amigos, o que mostra que esses eventos são espaços de socialização coletiva, onde a companhia oferece segurança e pertencimento. A presença de casais, namorados e esposos/as também aponta para a dimensão afetiva e relacional desses ambientes. Ir sozinho, por outro lado, é raro, o que pode indicar que o acesso individual ainda é percebido como menos confortável ou seguro.

FIGURA 4 - Corpos queers à noite em festas como Geek House e Atlantis, de 2025



Fonte: Acervo pessoal da produtora Cosmos.

As imagens acima retratam a performatividade de gênero e a estética da presença nas festas LGBTQIAPN+ em São Luís, onde o corpo não é apenas visto, mas enunciado. Com visual marcante, a pessoa performa liberdade e resistência no chão da pista, em uma cena que sintetiza os aspectos de expressão, identidade e pertencimento.

Nas festas LGBTQIAPN+, especialmente na Roleween, a fantasia é utilizada não apenas como elemento lúdico, mas como potente estratégia de erotização e autoafirmação. Frequentadores, em sua maioria homens gays, optam por trajes que expõem ou valorizam partes do corpo, mobilizando o desejo como forma de expressar liberdade sexual e identidade. Essa prática desafia os binarismos tradicionais ao transformar o figurino em um meio de subversão das normas de gênero, ao mesmo tempo em que cria narrativas visuais que tensionam os limites entre o erótico, o performático e o político.

FIGURA 5 - Fantasias e performatividades dissidentes na Roleween (Vem Pro Rolê, 2024)



Fonte: Acervo pessoal da produtora Vem Pro Rolê.

A Cosmos, com sua atmosfera altamente tematizada, reforça ainda mais o caráter visual e performático dos eventos. Cada festa é pensada como um espaço de alteridade e imaginação: são comuns os trajes inspirados em anime, astrologia, jogos de RPG e signos esotéricos. Os frequentadores vestem, assim, os signos de sua subjetividade. No entanto, a observação também identificou pressões estéticas implícitas, que podem gerar desconforto entre quem não consegue ou não deseja atender às expectativas visuais da cena.

A estética da favela, da quebrada e do funk é utilizada como recurso decorativo e promocional por produtoras como a Red Produções, especialmente em festas como a Balbúrdia e a Indiscreta. No entanto, essa apropriação simbólica nem sempre resulta em uma inclusão efetiva dos sujeitos periféricos, que muitas vezes permanecem como público consumidor, mas não como protagonistas do evento. Como lembra Angela Davis (2016, p. 102), “não podemos compreender a exploração econômica sem compreender a dominação cultural”. Ou seja, a exclusão não se dá apenas pela ausência de dinheiro para frequentar as festas, mas também pela ausência de condições culturais, simbólicas e institucionais para participar plenamente — para ser escutado, valorizado e representado além da imagem.

De acordo com o que propõe Stuart Hall (2003), a identidade não é algo fixo, mas um processo de construção e negociação constante. Nas festas LGBTQIAPN+ analisadas, a música e o corpo tornam-se meios privilegiados para essa invenção de

si. A pista de dança é um espaço onde a performatividade queer se realiza – onde é possível experimentar, exagerar, brincar com os limites do gênero, transgredir e também pertencer.

Essas práticas performáticas são, como afirma Judith Butler (1993), profundamente políticas, pois desestabilizam os códigos normativos e reiteram a legitimidade de existências dissidentes. Nas festas das produtoras Vem Pro Rolê, Cosmos e Red Produções, essa performatividade não é homogênea: há tensões, exclusões e hierarquias. Mas também há potência, invenção e desejo. A música permite que corpos historicamente silenciados ocupem o centro da cena, ao menos por uma noite.

Apesar dos discursos de inclusão promovidos por produtoras locais como Vem Pro Rolê, Cosmos e Red Produções, a experiência vivida nas festas revela que a participação nesses eventos é profundamente condicionada por normas culturais e estéticas. A festa é construída visual e simbolicamente para corpos que performam a estética queer dominante. Outros corpos — racializados, trans, gordos ou mais velhos — acabam silenciados. Silvia Rivera Cusicanqui (2010, p. 89) argumenta que “o silêncio não é apenas ausência de fala, mas ausência de estrutura para escutar”. Ou seja, não se trata apenas de “dar espaço” a essas presenças, mas de reorganizar o espaço para que suas experiências possam ser ouvidas, compreendidas e legitimadas.

É nesse contexto que a reflexão de Judith Butler se mostra fundamental. Para essa autora, “a matriz de inteligibilidade constitui o campo do sujeito possível” (Butler, 1993, p. 7). Isto é, somente aqueles corpos e expressões que se alinham às normas socialmente compreensíveis — de gênero, sexualidade, aparência e comportamento — são reconhecidos como sujeitos legítimos nos espaços sociais. Aplicado ao contexto das festas LGBTQIAPN+, isso significa que a visibilidade não é distribuída igualmente: há um padrão implícito que regula quem pode ser “compreendido” como parte da cena, e quem escapa ou ameaça esse padrão é frequentemente silenciado ou excluído.

As produtoras analisadas constroem discursos públicos que enfatizam a importância da diversidade, da representatividade e do acolhimento de corpos dissidentes. Políticas como a entrada gratuita para mulheres trans, como ocorre na Cosmos, e a valorização da cultura periférica e negra, como tenta realizar a Vem pro Rolê em festas como o Fluxo, são estratégias importantes que demonstram alguma sensibilidade frente às desigualdades. No entanto, numa análise mais crítica dos

perfis dos frequentadores, dos artistas convidados e dos trabalhadores envolvidos nos eventos, revela que a participação está fortemente mediada por fatores como classe social, identidade de gênero, raça, aparência, vestimenta e capital simbólico.

Essas assimetrias também são percebidas pelos próprios produtores culturais. Pedro Cordeiro, produtor da Vem Pro Rolê, reconhece os riscos envolvidos na criação de novas propostas estéticas e temáticas dentro da cena LGBTQIAPN+, especialmente a partir do lugar que ocupa como homem branco cisgênero:

Risco, a gente corre sempre que a gente tenta criar algo novo. Eu, como produtor principal, sou homem branco cis, tento sempre me colocar no lado das pessoas para saber como elas vão reagir ao que a gente apresenta para elas. Então a gente sempre tenta manter os pés no chão e focar na nossa verdade para entregar sempre o material digno e que demonstre que, muitas das vezes, o papel de verdade vai muito além da própria temática. (Pedro Cordeiro, 2025, em entrevista ao autor).

A fala aponta para uma tentativa de responsabilidade simbólica na construção das festas, reconhecendo as assimetrias de lugar de fala na produção cultural queer. Ao afirmar que busca “se colocar no lugar do outro”, o produtor revela uma preocupação com a recepção do público e com os limites éticos do seu próprio protagonismo. No entanto, também emerge aqui uma tensão: mesmo com boas intenções, a centralidade de sujeitos brancos cisgêneros na condução da cena ainda pode reproduzir dinâmicas de silenciamento, ainda que sob o discurso da escuta. Assim, o trecho reforça a complexidade da curadoria cultural em espaços LGBTQIAPN+, onde estética, responsabilidade e representatividade se entrelaçam de maneira nem sempre equilibrada.

A raça, por exemplo, surge como uma questão sensível e estrutural. De acordo com as observações na construção dessa monografia, foi apontado a presença de pessoas negras, especialmente em festas que se aproximam da estética periférica, como as da Vem pro Rolê, mas também revela que, nos eventos com maior apelo “instagramável”, como os da Cosmos, os corpos brancos predominam, especialmente entre os frequentadores mais performáticos e os DJs de destaque. Em festas como a Atlantis, isso se torna evidente: homens gays brancos dominam as pistas de pop nostálgico, enquanto homens negros tendem a frequentar espaços de funk heterossexual, muitas vezes por não se sentirem representados ou à vontade nas festas LGBTQIAPN+ centradas em estéticas eurocentradas.

A forte presença de pessoas negras entre os respondentes, com a soma de pardos e pretos alcançando mais de 70% da amostra, reflete não apenas o perfil demográfico de São Luís, mas também a centralidade da população negra nas práticas culturais urbanas da cidade. Essa composição racial amplia a relevância de discutir como a raça atravessa os espaços de lazer e sociabilidade LGBTQIAPN+, influenciando o pertencimento simbólico, a visibilidade e a forma como os corpos são percebidos nesses ambientes.

A predominância de pessoas cisgênero, especialmente homens, indica que a cena pesquisada ainda é fortemente marcada por uma lógica cisnormativa. A presença de pessoas trans e não-binárias, embora importante, permanece reduzida, o que pode limitar o reconhecimento e o protagonismo dessas identidades nos espaços culturais analisados. Isso sugere que a inclusão de diferentes expressões de gênero ainda enfrenta barreiras simbólicas e estruturais.

Figura 6 - Corpos trans que frequentam a noite LGBTQIAP+. Festa Atlantis, Geek House e Esotérica



Fonte: Acervo pessoal da produtora Cosmos.

Essa presença fragmentada reforça a ideia de que, mesmo em ambientes voltados à diversidade, as dinâmicas de gênero continuam operando de forma hierárquica. A cena LGBTQIAPN+ ainda tende a privilegiar corpos masculinos cis, relegando outras expressões de gênero a papéis secundários ou meramente decorativos, o que evidencia a necessidade de uma inclusão que vá além da imagem e se concretize em estrutura, escuta e valorização efetiva.

No campo da orientação sexual, a maioria dos respondentes se declarando gays e bissexuais demonstra quais identidades têm maior visibilidade e centralidade dentro da comunidade LGBTQIAPN+ local. Já orientações como pansexual, assexual, lésbica e queer aparecem com menor frequência, o que reforça a necessidade de ampliar o acolhimento e a representação dessas vivências, que muitas vezes são invisibilizadas até mesmo dentro da própria sigla.

Embora os dados do questionário revelem certa diversidade étnica, é fundamental considerar que nem todos os grupos possuem as mesmas condições de protagonismo ou reconhecimento dentro dessas cenas. A presença de sujeitos negros não garante, por si só, igualdade de acesso a narrativas, estéticas valorizadas ou posições de poder nos eventos. Por isso, a raça deve ser compreendida como um eixo estruturante na análise das interações culturais e das dinâmicas de exclusão e resistência nesses espaços.

FIGURA 7 - Grupo de pessoas negras em festa LGBTQIAPN+ de São Luís



Fonte: Acervo pessoal da produtora Cosmos.

As imagens que mostram grupos de pessoas negras nas festas reforçam que, apesar das barreiras estruturais, esses corpos não estão apenas presentes, estão resistindo ativamente. A participação da população negra na cena LGBTQIAPN+ de São Luís é também uma forma de insurgência estética e política, que desafia padrões de exclusão e inscreve novas narrativas nos espaços festivos.

Estar ali, celebrar, dançar e se expressar livremente é um gesto de afirmação coletiva diante de um sistema que historicamente silencia, subalterniza e invisibiliza esses sujeitos. Nesse mesmo sentido, a fala de Henrique Noronha, produtor da

Cosmos, evidencia a relevância dos eventos LGBTQIAPN+ enquanto espaços seguros e transformadores para indivíduos que não encontram acolhimento em seus contextos cotidianos.

A principal ferramenta que o evento se torna para tudo isso é o de criar um espaço realmente seguro para que essas pessoas possam ser quem elas são. [...] Você conseguir construir numa sociedade hostil como essa um oásis, um momento de descanso e de conexão consigo mesmo, sem pensar por um segundo sequer se o que você vive e ama é errado, isso é extremamente modificador (Henrique Noronha, 2025, em entrevista ao autor).

Essa fala ressalta o já mencionado papel das festas como lugares de resistência simbólica diante de uma sociedade que ainda marginaliza identidades dissidentes. Ao descrever o evento como “um oásis” dentro de uma realidade marcada por rejeição familiar, repressão institucional e violência simbólica, Noronha reforça a função das festas não apenas como lazer, mas como espaço de acolhimento, auto aceitação e reconstrução subjetiva.

Uma crítica à transformação do discurso da diversidade em marketing vazio também chama atenção para a diferença entre reconhecimento performático e inclusão real, indicando que o compromisso político e afetivo com a comunidade LGBTQIAPN+ vai além da estética: ele precisa se materializar na criação de ambientes onde o existir não seja um risco, mas uma celebração.

Apesar da presença de mulheres cis e trans, artistas lésbicas e drags nas festas LGBTQIAPN+ de São Luís, o protagonismo continua sendo majoritariamente ocupado por homens cis gays, especialmente nos line-ups de DJs e na organização dos eventos. Essa configuração revela os limites práticos dos discursos de inclusão e a persistência de hierarquias simbólicas dentro da própria cena.

Como aponta Preciado (2018, p. 112), “as práticas culturais cis-hetero e até mesmo as queer normativas continuam regulando o corpo trans como figura decorativa, marginal, acessória”. Essa lógica se manifesta quando a presença de pessoas trans é mobilizada como símbolo de diversidade para fins estéticos ou promocionais, mas não implica mudanças estruturais nem garante sua participação como sujeitos centrais na produção cultural desses espaços.

A classe social também opera como marcador de exclusão. Embora muitas das festas LGBTQIAPN+ de São Luís tenham valores de ingresso considerados acessíveis, o acesso real a esses eventos envolve outros custos menos visíveis:

deslocamento por aplicativo, figurino estilizado, consumo de bebidas, além de conhecimentos estéticos e comportamentais esperados. Sobre esse ponto, lembramos da afirmação, feita por Bourdieu (2011), de que há uma profunda relação entre o capital econômico, que cria condições diferenciadas entre grupos e classes sociais, e o capital cultural, que reproduz formas próprias de incorporação.

Ou seja, não se trata apenas de ter dinheiro para entrar na festa, mas também de ter incorporado um repertório social que permite pertencer ao ambiente com naturalidade: saber que roupa usar, que música reconhecer, como performar visualmente o "corpo queer" valorizado naquele espaço. A ausência de qualquer um desses capitais reforça o sentimento de deslocamento e a reprodução da exclusão, mesmo em espaços que se dizem inclusivos.

Esse processo não é recente. Henrique Noronha, da Cosmos Produções, relembra como os eventos LGBTQIAPN+ em São Luís eram antigamente concentrados em poucas boates do centro da cidade, que operavam com critérios seletivos baseados em classe, vestuário e comportamento. Segundo ele:

A boate X só aceitava o público X, que se vestisse de uma maneira específica, que tivesse uma posição social específica [...] inclusive barravam pessoas que não tivessem, por exemplo, com a roupa que eles julgavam adequada (Henrique Noronha, 2025, em entrevista ao autor).

Assim, esse produtor reflete sobre como o lazer LGBTQIAPN+ na cidade já esteve profundamente vinculado a práticas excludentes sustentadas pela lógica do capital e da performance de classe. Mesmo dentro de espaços teoricamente dissidentes, o acesso era condicionado à capacidade de consumir e à adequação a códigos estéticos hegemônicos, o que reproduzia dinâmicas de elitismo. A partir da experiência com a produtora Reitoria, Noronha identifica um processo de abertura que rompeu com o modelo fechado das boates, ampliando os espaços disponíveis para eventos LGBTQIAPN+ por meio de parcerias com casas de festa, lugares antes inacessíveis a esse público.

Esse movimento pode ser lido como uma forma de resistência econômica e simbólica, que buscou criar novos territórios de pertencimento, mas que, ao mesmo tempo, se insere dentro de uma lógica de mercado que exige adaptação, negociação e capital para existir. Assim, a democratização dos espaços de festa

vem acompanhada de novas formas de regulação, mais sutis, mas ainda orientadas por critérios de consumo, investimento e adequação ao modelo de negócios.

Esse comportamento está alinhado com a lógica do capitalismo cultural, que transforma práticas sociais — como sair com amigos, dançar e celebrar — em produtos. Quando o valor é visto como “justo”, na verdade ele já está mediado por uma estrutura onde participar requer poder de compra, e isso exclui quem não pode consumir.

A participação nas festas LGBTQIAPN+ em São Luís é profundamente atravessada por fatores econômicos e simbólicos que operam como barreiras de acesso. Embora os valores de entrada sejam frequentemente considerados “razoáveis” pelos frequentadores, essa percepção esconde a naturalização do consumo como condição básica para o lazer. Os gastos com transporte por aplicativo, bebidas, figurinos e adereços visualmente alinhados às estéticas da cena não são opcionais: tornam-se requisitos implícitos para se sentir pertencente. Como analisa Pierre Bourdieu (2007), o consumo cultural não depende apenas de poder aquisitivo, mas também de um capital simbólico e cultural incorporado, que define como se vestir, agir e se expressar dentro de cada espaço. Assim, a exclusão não se dá apenas pela ausência de dinheiro, mas pela falta de familiaridade com os códigos que regem o que é considerado “adequado” ou “valorizado” na cena. A própria fala de Pedro Cordeiro, produtor da Vem Pro Rolê, reforça essa realidade ao destacar que “um dos maiores problemas em São Luís sempre foi a questão do fator econômico, de ser uma cidade relativamente de classe social baixa”, o que impactava diretamente o crescimento dos eventos. Mesmo reconhecendo que o público tem investido mais em entretenimento, ele aponta como a desigualdade econômica segue sendo um entrave real à democratização da cena.

O pertencimento nas festas LGBTQIAPN+ de São Luís é mediado por códigos estéticos e simbólicos que funcionam como barreiras invisíveis à inclusão. Como analisa Pierre Bourdieu (2007), o consumo cultural está ligado ao capital cultural incorporado, o domínio de linguagens, gestos e estilos que não são distribuídos igualmente entre os grupos sociais. Nas festas observadas, isso se traduz na exigência não declarada de um “visual queer” alinhado às estéticas dominantes: trajes criativos, poses fotogênicas, domínio da linguagem digital. Mesmo sem dress codes explícitos, a cena impõe padrões de aparência e comportamento que favorecem os frequentadores das camadas médias urbanas, gerando desconforto ou exclusão para quem não tem recursos materiais ou não compartilha desses

repertórios. Como visto em eventos da Cosmos, por exemplo, há uma pressão estética implícita que pode tornar o ambiente hostil para quem não corresponde às expectativas visuais da cena.

A cena festiva LGBTQIAPN+ em São Luís também evidencia um apagamento geracional pouco discutido. A presença de pessoas com mais de 50 ou 60 anos é quase inexistente, revelando não apenas uma ausência demográfica, mas uma exclusão simbólica. Os eventos são pensados, divulgados e estruturados para um público jovem, universitário e conectado às redes sociais, o que reforça a ideia da juventude como critério implícito de pertencimento. Essa lógica de exclusão simbólica também é confirmada pelos dados da pesquisa, que revelam um recorte geracional marcante: a maioria dos respondentes pertence às gerações Y e Z, sujeitos já familiarizados com a cultura da exposição visual, da estética digital e da performatividade constante. Nesse contexto, corpos mais velhos tendem a se tornar invisíveis ou deslocados, como se não coubessem no imaginário festivo da cena. Essa exclusão não se dá de forma direta, mas opera por meio de códigos culturais e expectativas simbólicas que silenciam a diversidade etária e reforçam uma norma geracional dominante.

Além disso, os dados apontam que a maioria dos participantes destina entre R\$ 100,01 e R\$ 150,00 para frequentar eventos LGBTQIAPN+, revelando que o lazer noturno está profundamente inserido na lógica do consumo. Mesmo as faixas mais baixas de gasto são pouco representadas, e nenhum respondente afirmou participar sem custos, o que evidencia que a presença nesses espaços exige um investimento financeiro mínimo. Dessa forma, o capital — seja ele etário, estético, cultural ou econômico — segue como regulador do acesso, da permanência e do protagonismo nas festas voltadas ao público LGBTQIAPN+ em São Luís.

Isso reforça a ideia de que o pertencimento à cena cultural não depende apenas da identidade, mas também da capacidade de consumir, confirmando como o capitalismo estrutura o acesso à cultura e ao lazer, até mesmo em contextos que se pretendem diversos e inclusivos.

Essa aceitação também pode indicar uma forma de regulação simbólica do consumo: quem pode pagar se adapta, e quem não pode, se afasta silenciosamente. Assim, mesmo em festas que se dizem inclusivas, o acesso é mediado por poder aquisitivo, e o consumo torna-se um filtro invisível que separa quem pode ou não participar da cena — revelando os efeitos do capitalismo na produção de pertencimento e exclusão.

A concentração dos respondentes em São Luís indica um forte vínculo territorial com as práticas culturais analisadas. A distribuição pelos bairros, que inclui tanto áreas centrais quanto periféricas, demonstra uma diversidade espacial que contribui para a compreensão da cena LGBTQIAPN+ local. Essa diversidade, porém, não elimina as desigualdades.

O acesso pleno às festas é influenciado por fatores como localização dos eventos, transporte, segurança e familiaridade com códigos estéticos e simbólicos. Participar de uma festa não depende apenas da vontade, mas também das condições materiais e culturais que facilitam ou dificultam essa presença. Assim, a análise espacial revela mais do que um dado geográfico: ela evidencia como classe, território e cultura se entrelaçam na vivência da noite e da sociabilidade LGBTQIAPN+ em São Luís.

A expectativa silenciosa de apresentar um visual marcante, estar bem-vestido, com um figurino criativo ou alinhado às estéticas da cena, acaba por excluir aqueles que não dispõem de recursos materiais ou interesse em seguir esses códigos visuais. Ainda que não haja regras explícitas, existe uma pressão simbólica que delimita quem se encaixa nos padrões valorizados e quem permanece à margem, mesmo estando presente.

No caso das festas LGBTQIAPN+, o modo de se vestir, dançar, posar para fotos ou até interagir nos espaços “instagramáveis” exige um repertório estético e simbólico que muitas vezes está restrito às camadas médias urbanas, o que restringe a presença de sujeitos de origem periférica ou com menor acesso à cultura de consumo.

Festas promovidas pela Cosmos são fortemente marcadas por uma lógica visual performativa. Os cenários decorativos, os figurinos cuidadosamente elaborados, as poses para fotos e a estética das redes sociais não apenas embelezam o evento, mas organizam a experiência de quem está ali.

A performance do corpo queer, nas festas LGBTQIAPN+, se converte também em uma performance de imagem, orientada pela lógica do registro, do consumo simbólico e da visibilidade digital. Esses eventos funcionam como espaços de intensa autoexpressão visual, onde roupas, maquiagens e gestos corporais se tornam extensões dos “alter egos” dos participantes. Mais do que bailes, são verdadeiras passarelas em que os corpos são encenados, vistos e capturados por lentes e celulares, reafirmando identidades e pertencimentos por meio da estética visual.

Essa estética visual, embora pensada como ferramenta de expressão e encantamento, pode também produzir barreiras simbólicas. Henrique Noronha, produtor da Cosmos, reflete sobre os desafios de equilibrar sofisticação estética e acessibilidade econômica, destacando o esforço da produtora em criar experiências visualmente marcantes sem impor barreiras explícitas ao público: “Eu acho que pode existir esse momento inicial pela extravagância e a estrutura da Cosmos, [...] mas que quando as pessoas vêm e vão, entendem que elas são bem tratadas lá como clientes, elas se sentem bem e aí elas voltam” (Henrique Noronha, 2025, em entrevista ao autor).

Essa fala revela uma tensão recorrente nas festas LGBTQIAPN+: o contraste entre o luxo estético e a promessa de inclusão. Embora não haja exigências formais como dress code ou padrões de consumo, o próprio refinamento visual do evento pode inicialmente gerar a percepção de que aquele espaço “não é para todos”. Noronha reconhece isso, mas aposta na experiência como ferramenta de transformação. A partir do momento em que o participante paga e se sente respeitado como cliente, reverte-se a lógica da “cortesia como favor” para uma posição de autonomia e direito.

Essa inversão simbólica fortalece o senso de pertencimento e retira o peso da dívida social que muitas vezes marca a presença de pessoas LGBTQIAPN+ em espaços elitizados. Ao mesmo tempo, tal fala aponta para um cuidado com a representatividade simbólica — desde os *flyers* até os palcos — como forma de visibilizar diferentes corpos, estéticas e identidades, reforçando a ideia de que a inclusão começa na imagem, mas só se concretiza no acolhimento prático e relacional.

Mesmo sem barreiras explícitas, a dinâmica cultural das festas impõe normas silenciosas sobre quem pode estar ali e como deve se portar. Idade, aparência, estilo e fluência na linguagem digital se tornam critérios de pertencimento simbólico. Assim, a exclusão não se dá apenas por questões econômicas ou estruturais, mas também por uma série de disposições estéticas e geracionais que regulam silenciosamente o acesso, a visibilidade e o conforto dentro da cena.

Além disso, como já discutido, há um problema persistente na composição das equipes de trabalho dos eventos: a maioria dos funcionários não pertence à comunidade LGBTQIAPN+, o que levanta dúvidas sobre o grau de comprometimento efetivo das produtoras com a inclusão em todos os níveis, não apenas no palco e na pista, mas nos bastidores da produção.

Inspirando-se em autores como Stuart Hall (2003) e Leandro Colling (2018), é possível afirmar que essas festas operam dentro de um campo de forças onde discursos progressistas e práticas mercadológicas muitas vezes colidem. A noite LGBTQIAPN+ local aparece, então, como um campo de disputa entre capital e resistência, onde a inclusão é constantemente tensionada por lógicas de mercado, performance e consumo. Como alerta Diego Almeida (2020), o lazer noturno é também um espaço político, onde se decide quem pode existir, dançar, celebrar e quem segue à margem.

4 SOBRE A METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho foi estruturada a partir de múltiplas etapas que organizaram o desenvolvimento da pesquisa. Entre os procedimentos adotados, destaca-se a abordagem de inspiração etnográfica, com a realização de um estudo de caso centrado na cena musical LGBTQIAPN+. Dentro desse contexto, foi utilizada a técnica de observação participante, que possibilitou uma imersão direta nos espaços analisados, permitindo a coleta de impressões, comportamentos e experiências vivenciadas *in loco*. Essa abordagem foi fundamental para compreender as dinâmicas sociais e culturais das festas voltadas para esse público.

Essa abordagem teve duração aproximada de um ano, período no qual foi possível vivenciar e acompanhar de forma imersiva as dinâmicas e experiências da vida noturna LGBTQIAPN+.

Complementarmente, foi aplicado um questionário *on-line*, por meio da plataforma Google Forms, contendo perguntas direcionadas ao público pertencente ao nicho LGBTQIAPN+. O formulário permaneceu disponível por um período de um mês e teve como objetivo captar percepções, hábitos e experiências dos participantes em relação aos eventos noturnos, enriquecendo a dimensão empírica da pesquisa.

Além disso, o estudo foi sustentado por uma revisão bibliográfica criteriosa, que reuniu autores e obras fundamentais para a compreensão dos debates contemporâneos sobre gênero, sexualidade, cultura e música. Esse referencial teórico foi essencial para embasar criticamente as análises desenvolvidas ao longo desta monografia.

Essa escolha metodológica permitiu uma imersão mais aprofundada no cotidiano, nas práticas culturais e nas dinâmicas sociais que envolvem os sujeitos pertencentes à referida cena, possibilitando uma análise mais sensível e contextualizada das experiências vividas nesse espaço de sociabilidade e resistência. A afirmação de que “[...] fazer etnografia implica um trabalho de descrição de uma cultura a partir da visão de mundo dos nativos dessa cultura” (Cardoso; Monteiro, 2017, p. 66) reforça a importância de se construir o conhecimento a partir da escuta atenta das experiências vividas pelos sujeitos envolvidos.

No contexto das festas LGBTQIAPN+ em São Luís, esse princípio metodológico orienta a análise para além das interpretações externas, priorizando os significados atribuídos pelos próprios participantes.

Como destacam Cardoso e Monteiro (2017, p. 67), “a Etnografia passa a reconhecer as subjetividades do pesquisador e dos pesquisados como elementos fundamentais da experiência de levantamento de dados.” Essa perspectiva tensiona a ideia de neutralidade científica e reforça que toda pesquisa é atravessada por afetos, posicionamentos e trocas simbólicas. No caso desta investigação sobre as festas LGBTQIAPN+ em São Luís, a presença como sujeito implicado, tanto por vivência enquanto parte da comunidade quanto por envolvimento nos espaços observados, torna-se parte constitutiva do processo de escuta, análise e interpretação. Assume-se que reconhecer essa subjetividade não fragiliza a pesquisa: ao contrário, confere densidade e legitimidade à produção de conhecimento situada, ética e sensível às experiências vividas pelos participantes.

Ademais, esta pesquisa endossa o valor das mídias digitais como fontes legítimas para a etnografia contemporânea, especialmente quando se investiga espaços de sociabilidade mediados por plataformas como Instagram e X, antigo Twitter. Como observa Monteiro (2024, p. 32), “[...] os *flyers*, bem como as legendas e os comentários, são compreendidos como rastros digitais que propiciam, em uma dimensão metodológica, o levantamento de informações a respeito dessa cena musical”.

Esse entendimento orienta a abordagem desta pesquisa, que busca compreender não apenas o que acontece nas festas LGBTQIAPN+ em São Luís, mas o que aspectos como dançar, vestir-se, circular entre pistas ou reagir a um *flyer* significam para os sujeitos envolvidos. A etnografia, nesse caso, se propõe a revelar os sentidos mais profundos dessas práticas culturais e suas articulações com gênero, sexualidade, classe e pertencimento. No dizer de Cardoso e Monteiro (2017, p. 70): “a descrição densa é uma interpretação que pretende dar conta das estruturas significantes que estão por trás e dentro do menor gesto humano numa determinada cultura”.

No contexto desta pesquisa, a observação de *flyers* digitais, postagens e interações on-line das produtoras Vem pro Rolê, Cosmos e Red Produções permitiu mapear não apenas os eventos em si, mas também as formas de engajamento, linguagem estética, afetos e identidades que circulam digitalmente. A etnografia digital, nesse sentido, fornece amparo para uma técnica de coleta que amplia o

campo de observação e captura aspectos fundamentais da cultura noturna LGBTQIAPN+, respeitando a imbricação entre o on-line e o presencial na constituição das experiências culturais urbanas.

Além de todos os procedimentos metodológicos já mencionados, esta monografia também incorporou a realização de entrevistas semiestruturadas com dois produtores culturais responsáveis por festas noturnas voltadas ao público LGBTQIAPN+. As entrevistas possibilitaram compreender os bastidores da organização desses eventos, bem como as motivações, desafios e estratégias envolvidas na construção desses espaços de sociabilidade e expressão identitária.

O público não é apenas espectador, mas exerce um papel ativo na produção e circulação de sentidos. Por isso, a observação participante revelou-se uma ferramenta essencial, permitindo captar as interações, os comportamentos e os significados atribuídos pelos frequentadores durante as festas, contribuindo para uma compreensão mais profunda das dinâmicas socioculturais presentes nesse universo.

Dessa forma, a articulação entre observação participante, mapeamento inspirado pela etnografia digital, questionário on-line, entrevistas e revisão teórica pretendeu construir uma metodologia sensível às múltiplas dimensões que atravessam as festas LGBTQIAPN+ em São Luís. Ao reconhecer a subjetividade do pesquisador, valorizar os sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos e considerar também os rastros digitais como fontes legítimas de análise, esta pesquisa se ancora em uma abordagem comprometida com a escuta, com o cotidiano e com as potências políticas e culturais que emergem nesses espaços.

Essa base metodológica sustenta as análises desenvolvidas ao longo dos capítulos, que buscam evidenciar como gênero, sexualidade, classe e estética se entrelaçam nas experiências vividas na cena noturna voltada para pessoas LGBTQIAPN+ na capital maranhense.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada nesta monografia parte da observação das cenas musicais LGBTQIAPN+ em São Luís, capital do Maranhão, com o objetivo de compreender como os espaços de lazer noturno, organizados por produtoras como Vem Pro Rolê, Cosmos e Red Produções, configuram-se como palcos de expressão identitária, resistência política e sociabilidade dissidente. Ao longo da investigação, foi possível perceber que, embora esses espaços reivindiquem o discurso da diversidade, inclusão e acolhimento, há contradições profundas entre os enunciados simbólicos e as práticas concretas que organizam o pertencimento, a visibilidade e o consumo nesses territórios festivos.

Um dos pontos que mais chama atenção diz respeito ao desencontro entre os dados empíricos e a observação direta realizada nas festas. Se por um lado os questionários aplicados indicam uma composição racial diversa entre os participantes, com mais de 70% se autodeclarando pessoas negras (pretas e pardas), por outro, a observação nos eventos revela uma hegemonia de corpos brancos, cisgêneros e gays nos espaços de maior visibilidade, sobretudo nos palcos, pistas centrais e nos registros imagéticos compartilhados nas redes sociais. Essa divergência sugere que a presença simbólica de sujeitos negros é mais consolidada nos ambientes digitais, onde há maior vigilância discursiva em torno da diversidade, do que nos ambientes materiais, onde o racismo estrutural continua operando silenciosamente para excluir, deslocar e tornar invisíveis corpos racializados.

Esse cenário denuncia um processo de “inclusão performática”, em que os signos da diversidade são incorporados como estética, mas não necessariamente traduzidos em práticas efetivas de redistribuição de poder e reconhecimento. A cena LGBTQIAPN+ ludovicense, nesse sentido, não escapa às lógicas de exclusão que caracterizam o tecido social mais amplo: ela as reproduz, ainda que sob roupagens aparentemente progressistas. A questão da raça, portanto, precisa ser compreendida como eixo estruturante da análise, não apenas como um dado demográfico, mas como marcador simbólico e material que define quem pode ocupar o centro da festa e quem permanece à margem, mesmo quando presente.

Além da raça, a questão da classe social aparece como outro elemento central na produção de pertencimento e exclusão. A maioria das pessoas entrevistadas declarou renda mensal de até cinco salários mínimos, o que, considerando os custos com transporte, figurino, bebida e ingresso, revela os limites

materiais para o acesso pleno a esses espaços. Embora algumas festas adotem estratégias como ingressos populares ou cortesias, a lógica do consumo ainda é a principal mediadora do acesso. O pertencimento à cena LGBTQIAPN+ noturna passa, portanto, pela capacidade de consumir, de estar vestido dentro do padrão, de performar um corpo estilizado e bem-humorado, características que nem todos os sujeitos dissidentes possuem ou desejam encarnar.

Os dados e os depoimentos dos participantes tornam evidente que há uma normatividade estética que orienta silenciosamente o que é ou não bem-vindo nesses espaços. Corpos gordos, trans, velhos ou periféricos enfrentam barreiras simbólicas e práticas que vão desde o olhar de estranhamento até a dificuldade de se reconhecer nas imagens e narrativas produzidas pelas festas. A exclusão, aqui, não é explícita, mas opera através de uma gramática de silenciamento, deslocamento e apagamento.

A exclusão geracional também é um elemento relevante observado nesta pesquisa. Os eventos analisados, ainda que destinados à comunidade LGBTQIAPN+, não contemplam a diversidade etária da sigla. A presença de pessoas com mais de 30 anos, sobretudo aquelas que não se alinham ao padrão estético jovem, é rara e, muitas vezes, vista como deslocada. A juventude é tratada como valor simbólico, como capital social, e isso produz um ambiente voltado à exaltação do corpo jovem, magro, branco e performativo, dificultando o acesso e a permanência de sujeitos que não se encaixam nesse imaginário.

Essa normatividade também atravessa o gênero. Embora as festas se apresentem como espaços abertos à pluralidade de identidades, a realidade observada aponta para uma centralidade quase absoluta dos homens gays cisgêneros, tanto como frequentadores quanto como produtores, DJs, performers e influenciadores da cena. As mulheres (cis ou trans) aparecem com pouca frequência nos line-ups, nas imagens de divulgação e nas posições de poder dentro da produção cultural. Essa invisibilização reitera a misoginia estrutural que atravessa a sociedade e se infiltra mesmo nos espaços ditos dissidentes. A promessa de acolhimento é, assim, restrita: mais facilmente cumprida aos homens gays brancos e jovens do que às demais expressões da sigla.

No caso das pessoas trans, a pesquisa identificou esforços pontuais de inclusão, como a adoção, em algumas festas, da política chamada de “trans free” - que garante entrada gratuita a pessoas trans. No entanto, tal prática está presente em apenas uma das três produtoras analisadas, o que evidencia a ausência de um

compromisso estruturado e contínuo com a inclusão real desse grupo. Mais do que permitir o acesso físico, é necessário pensar em políticas culturais que promovam o protagonismo trans, que garantam sua presença nos palcos, nas equipes de trabalho e na curadoria dos eventos. Estar presente não basta: é preciso poder permanecer, consumir, expressar-se e ser reconhecido.

A partir dessas constatações, pode-se concluir que os espaços festivos LGBTQIAPN+ analisados operam em um campo de tensões entre mercado e militância, entre estética e política, entre discurso e prática. Ainda que esses espaços sejam, indiscutivelmente, fundamentais para a celebração, o afeto e a construção de redes de apoio entre pessoas dissidentes, eles também reproduzem, muitas vezes de forma velada, as mesmas estruturas de exclusão que pretendem combater. O desafio que se coloca, portanto, é o de transformar essas festas em espaços verdadeiramente plurais, em que a diversidade não seja apenas um adorno, mas um princípio ético e estético orientador da produção cultural.

A monografia que aqui se encerra não tem a pretensão de esgotar o tema, mas de contribuir para a ampliação do debate sobre gênero, sexualidade, raça, classe e cultura a partir da análise das cenas musicais e do lazer noturno LGBTQIAPN+. Ao escutar os dados, observar os corpos, circular pelas festas e dialogar com a teoria, esta pesquisa buscou traçar um panorama das potências e limites desses espaços como territórios de resistência e pertencimento.

Como afirmou um dos produtores entrevistados, criar um espaço seguro é criar um oásis em meio ao deserto da hostilidade cotidiana. Mas é preciso lembrar que esse oásis só será realmente coletivo quando todos, e não apenas alguns, puderem beber da sua água, dançar na sua pista e serem vistos como sujeitos plenos de desejo, dignidade e existência.

APÊNDICE A - Questionário aplicado aos participantes aos produtores culturais

Perguntas Cosmos Produtoras

1. Como você enxerga a cena LGBTQIAPN+ de São Luís hoje? Quais avanços você percebe nos últimos anos e o que ainda precisa melhorar?
2. Cada festa tem sua identidade própria. Como vocês pensam o conceito de cada evento e como isso se conecta com o público que desejam alcançar?
3. Quais são os maiores desafios de produzir eventos voltados para o público LGBTQIAPN+ em São Luís? Falo tanto dos desafios práticos quanto dos simbólicos, como aceitação, segurança, acesso, etc.
4. Na sua visão, quais públicos se sentem mais representados nas festas? E quem você acha que ainda encontra barreiras para se sentir pertencente ou incluído?
5. Como vocês lidam com as críticas sobre elitização ou falta de diversidade nos eventos? Isso é uma preocupação dentro da produção?
6. A cena noturna pode ser um espaço de celebração, mas também de resistência. De que forma você vê o papel político e cultural das festas que vocês organizam?
7. Olhando para o futuro, como você gostaria que fosse a cena LGBTQIAPN+ de São Luís nos próximos anos? Que transformações você sonha em ver acontecer?
8. Muito se fala sobre diversidade, mas a inclusão real vai além do discurso. Na sua experiência, como a produção dos eventos tem lidado com a inclusão de pessoas trans, negras, periféricas, gordas ou com deficiência? Você sente que ainda existem barreiras?
9. A Cosmos é reconhecida por criar universos visuais ricos e esteticamente marcantes, com referências da cultura pop, esoterismo e geek. Mas, na prática, vocês percebem que essa estética acaba criando também barreiras simbólicas? Pessoas que não performam esse “visual esperado” conseguem se sentir parte da festa ou ainda há um filtro implícito sobre quem pertence à cena?

Perguntas Vem Pro Rolê

1. Como você enxerga a cena LGBTQIAPN+ de São Luís hoje? Quais avanços você percebe nos últimos anos e o que ainda precisa melhorar?
2. Cada festa tem sua identidade própria. Como vocês pensam o conceito de cada evento e como isso se conecta com o público que desejam alcançar?
3. Quais são os maiores desafios de produzir eventos voltados para o público LGBTQIAPN+ em São Luís? Falo tanto dos desafios práticos quanto dos simbólicos, como aceitação, segurança, acesso, etc.
4. Na sua visão, quais públicos se sentem mais representados nas festas? E quem você acha que ainda encontra barreiras para se sentir pertencente ou incluído?
5. Como vocês lidam com as críticas sobre elitização ou falta de diversidade nos eventos? Isso é uma preocupação dentro da produção?
6. A cena noturna pode ser um espaço de celebração, mas também de resistência. De que forma você vê o papel político e cultural das festas que vocês organizam?
7. Olhando para o futuro, como você gostaria que fosse a cena LGBTQIAPN+ de São Luís nos próximos anos? Que transformações você sonha em ver acontecer?
8. Muito se fala sobre diversidade, mas a inclusão real vai além do discurso. Na sua experiência, como a produção dos eventos tem lidado com a inclusão de pessoas trans, negras, periféricas, gordas ou com deficiência? Você sente que ainda existem barreiras?
9. O Vem pro Rolê é uma festa que dialoga com o funk, a periferia e a cultura popular. Mas como vocês veem o desafio de incluir de fato os sujeitos periféricos e racializados de forma não só estética, mas estrutural? Existe um risco de a periferia ser usada como “temática”, mas não como protagonismo real? Como vocês lidam com essa tensão?

APÊNDICE B - Termo de consentimento para uso de entrevista em monografia

Eu, [NOME DO PRODUTOR CULTURAL], portador(a) do CPF nº [XXXXXXXXXXXX] e RG nº [XXXXXXXXXXXX], residente e domiciliado(a) em [ENDEREÇO COMPLETO], na qualidade de produtor(a) cultural da cena LGBTQIAPN+ em São Luís (MA), declaro, para os devidos fins, que:

1. Fui informado(a) de forma clara e objetiva sobre a realização da monografia intitulada “*Cenário Musical LGBTQIAPN+: uma análise das interações culturais da noite ludovicense*”, de autoria de Hugo Rafael Santos Borges, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Comunicação Social – Rádio e TV na Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

2. Declaro que as informações prestadas por mim em entrevista ou conversa com o autor refletem minhas opiniões, percepções e experiências reais, sendo fornecidas de maneira voluntária, espontânea e consciente.

3. Autorizo o uso parcial ou integral das informações compartilhadas, incluindo transcrições e trechos de fala, para fins exclusivos de análise acadêmica e veiculação na monografia, com a finalidade de contribuir com a produção de conhecimento sobre as práticas culturais da comunidade LGBTQIAPN+.

4. Estou ciente de que o trabalho poderá ser disponibilizado em repositórios acadêmicos e bases de dados institucionais da UFMA, respeitando os princípios éticos da pesquisa e a integridade do conteúdo.

5. Declaro ainda que, caso deseje, poderei solicitar anonimato ou o uso de nome fictício no corpo do texto, preservando minha identidade pública, sem prejuízo à validade do trabalho.

Local e Data: São Luís (MA), ____ de _____ de 2025.

Assinatura do(a) produtor(a) cultural:

Assinatura do pesquisador (Hugo Borges):

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Gabriele dos. **Identidade sexual e identidade de gênero**: subversões e permanências. *Sociologias*, ano 2, n. 4, p. 274-305, jul./dez. 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **La distinction: critique sociale du jugement**. Paris: Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. Nova York: Routledge, 1993.
- CARDOSO, Letícia Conceição Martins; MONTEIRO, Márcio Leonardo. **Notas sobre a prática de pesquisa etnográfica no campo da Comunicação**. *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*, v. 5, n. 10, jul./dez. 2017.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2018.
- COSTA, Jurandir Freire. **O referente da identidade homossexual**. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; ABIA; IMS/UERJ, 1996. p. 63-89.
- CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na prática**. Tradução de Juliana Borges. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- CRUZ-MANJARREZ, Adriana. Música e identidad en contextos transnacionales modernos. In: AGUILERA, Miguel Olmos (org.). **Músicas migrantes: la movilidad artística en la era global**. Tijuana: El Colegio de la Frontera Norte, 2014. p. 23-44.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- GARSON, Marcelo. **A cena de música paraense em Curitiba**: um mapeamento preliminar. *Revista Contracampo*, Niterói, v. 44, n. 1, p. 1–15, jan.-abr. 2025.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 103-133.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv (orgs.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Boston: South End Press, 1992.

JANOTTI JUNIOR, Jeder; SÁ, Simone Pereira de (orgs.). **Cenas musicais**. Guararema, SP: Anadarco, 2013. 167 p. (Coleção Comunicações e Cultura). ISBN 978-85-60137-51-0

JANOTTI JR., Jeder. **Will Straw e a importância da ideia de cenas musicais nos estudos de música e comunicação**. *Revista E-Compós*, Brasília, v. 15, n. 2, p. 1–10, maio/ago. 2012.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. **Música popular massiva e gêneros musicais: produção e consumo da canção na mídia**. *Comunicação, mídia e consumo*, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 31-47, jul. 2006.

LUGONES, María. **Colonialidade e gênero**. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 1, p. 935, 2014.

MONTEIRO, Márcio Leonardo. **Flyers digitais e a promoção de festas na cena musical LGBTQIAPN+ de São Luís**. *Revista FAPCOM*, v. 8, n. 16, jul./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.31657/fb9t5g04>.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da transição**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

QUINALHA, Renan. **História do movimento LGBTQIA+ no Brasil**. São Paulo: Fósforo, 2022.

TURNER, Bryan S. **El cuerpo y la sociedad: exploraciones en teoria social**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.